

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA



**TEMPERAMENTO DA CRIANÇA, PRÁTICAS  
PARENTAIS E ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA**

ESTUDO EXPLORATÓRIO COM CRIANÇAS DO PRÉ-ESCOLAR

**Inês Filipa Tomás Viegas Santos**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica da  
Saúde e da Doença)

**2015**

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA



**TEMPERAMENTO DA CRIANÇA, PRÁTICAS  
PARENTAIS E ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA**

ESTUDO EXPLORATÓRIO COM CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES

**Inês Filipa Tomás Viegas Santos**

Dissertação Orientada pela Professora Doutora Luísa Barros

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica da  
Saúde e da Doença)

**2015**

*Devemos ter muita paciência com as crianças, estarmos muito atentos, muito conscientes, para não dizermos nada que possa impedir a sua própria inteligência de aparecer*

Osho

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, tenho de agradecer à minha família, que me deu possibilidade de estudar, me incentivou a lutar e a nunca desistir neste longo percurso. Em especial aos meus pais pelo apoio incondicional ao longo destes 5 anos.

Relativamente à realização desta dissertação, não posso deixar de agradecer à Professora Doutora Luísa Barros, orientadora do projeto, por toda a dedicação, disponibilidade e ajuda prestada. Muito Obrigada.

Não posso também deixar de agradecer à Professora Doutora Ana Rita Goes, também orientadora deste projeto, que teve um papel fundamental no início do estudo, sempre atenta e disponível. À Dra. Teresa Marques, pelas horas que dedicou aos questionários e à ajuda prestada na construção da base de dados através do Teleform. Agradeço também à Professora Doutora Ana Isabel Pereira pela sua ajuda ao nível do tratamento estatístico, obrigada pela ajuda e paciência que teve comigo.

Importante agradecer a todas as mães que abdicaram um pouco do seu tempo para a participação deste estudo, sem elas o mesmo não poderia ter sido realizado, a participação de todas foi indispensável à realização deste projeto.

Para além do apoio instrumental à realização deste projeto, não posso deixar de agradecer a todas as outras pessoas que, através do seu carinho e suporte emocional, me deram toda a força do mundo. À Mariana, Alexandra e Inês, pela partilha de experiências, angústias e apoio em todos os momentos de Faculdade. Marisa e Marina, por vezes longe mas sempre perto em todos os momentos necessários, obrigado pela amizade, apoio e por acreditarem sempre em mim.

Por fim, e não menos importante aos amigos de sempre, que estão sempre disponíveis para me ouvir e me apoiar em todos os momentos da minha vida, que tiveram uma grande paciência para mim nestes últimos tempos e foram, sem dúvida, o meu suporte na realização desta dissertação. André, Vânia, Rafael e Margarida, muito obrigada.

## **Resumo**

Esta investigação teve como objetivo principal estudar a relação entre as práticas educativas maternas e a adaptação das crianças entre os 3 e os 5 anos, considerando o papel do temperamento da criança como eventual moderador desta relação. Para tal, foram utilizados três questionários: para a adaptação da criança o Child Behavior Checklist 11/2-5y, para o temperamento o The Child Behavior Questionnaire e para as práticas parentais o Questionário de Práticas Parentais.

Integraram a amostra 179 crianças, entre os 3 e os 5 anos, e as suas mães. A recolha teve lugar em estabelecimentos de ensino do pré-escolar na zona da Grande Lisboa e de Santarém.

Os resultados obtidos permitem verificar estarmos perante uma amostra globalmente bastante adaptada, com valores equilibrados nas três dimensões de temperamento (emocionalidade negativa, extroversão e controlo com esforço). Observamos diversas associações relevantes entre o temperamento e a adaptação da criança, entre as práticas parentais e a adaptação da criança, e entre as práticas parentais e o temperamento, embora neste último caso com menor magnitude. Verificou-se que o temperamento explica parcialmente alguma variância na adaptação, ocorrendo um aumento ligeiro do valor quando são adicionadas as práticas parentais. Não foi possível demonstrar o papel do temperamento como moderador da relação entre as práticas parentais e a adaptação da criança.

Os resultados deste estudo sugerem que, a avaliação do temperamento das crianças pode servir como instrumento para identificar as crianças em risco de desenvolver problemas de adaptação, reforçando a importância do temperamento na adaptação da criança pré-escolar.

**Palavras-Chave:** Temperamento, Adaptação da criança, Práticas Parentais e Mães.

## **Abstract**

This research aimed to study the relationship between maternal educational practices and the adaptation of children aged between 3 and 5 years, considering the role of the child's temperament as a possible moderator of this relationship. Three questionnaires were used: to measure the child adaptation we used the "Child Behavior Checklist 11 / 2-5y", to measure temperament we used the "Child Behavior Questionnaire" and to measure the parenting practices we used the "Questionnaire Parental Practices".

The sample included 179 children age between 3 and 5 years old and their mothers. The data collection took place in pre-school establishments in Lisbon and Santarém.

Our results show an overall adapted sample, with balanced temperament values in three dimensions (negative affectivity, surgency and effortful control). We found several relevant associations between temperament and the child adaptation, between the parenting practices and the child adaptation, and between the parenting practices and the child temperament, although in this last case with more moderate values. We found that the temperament dimensions partly explains some variance in the adaptation, which increases slightly with the introduction of parenting practices. It was not possible to show the temperament role as moderator of the relationship between parenting practices and child adaptation.

The results presented in this study suggest that the assessment of children's temperament can serve as a tool to identify children at risk of developing adaptation problems, reinforcing the importance of temperament in the adaptation of the preschool child.

**Key-Words:** Temperament, Children Adaptation, Parenting Practices, Mothers

## Índice

|   |               |
|---|---------------|
| <b>1. Enquadramento Teórico.....</b>  | <b>1</b>      |
| 1.1. Adaptação das crianças em idade pré-escolar .....  | 1             |
| 1.2. Temperamento.....  | 4             |
| 1.2.1. Modelo de Rothbart.....  | 5             |
| 1.2.2. Implicações clínicas do estudo do temperamento da criança .....  | 9             |
| 1.3. Estratégias parentais .....  | 9             |
| 1.4. Temperamento e Adaptação da criança.....   | 12            |
| 1.5. Práticas parentais e Adaptação da criança.....   | 13            |
| 1.6. Importância do estudo .....  | 15            |
| 1.7. Objetivo geral e objetivos específicos.....  | 16            |
| <br><b>2. Metodologia.....</b>  | <br><b>18</b> |
| 2.1. Caracterização metodológica do estudo .....  | 18            |
| 2.2. População e Amostra.....   | 18            |
| 2.3. Instrumentos de recolha de dados .....   | 18            |
| 2.3.1. Questionário sociodemográfico.....   | 18            |
| 2.3.2. Adaptação da criança - Child Behavior Checklist 11/2-5y .....  | 19            |
| 2.3.3. Temperamento da Criança - The Child Behavior Questionnaire .....   | 19            |
| 2.3.4. Estratégias Maternas: Questionário de Práticas Parentais (University of Washington-Parenting Clinic; versão portuguesa de Gaspar e Santos, 2008) ..... | 20            |
| 2.4. Procedimento.....  | 21            |
| 2.5. Análise dos dados.....   | 22            |
| <br><b>3. Resultados .....</b>  | <br><b>23</b> |
| 3.1. Estudos preliminares dos instrumentos de recolha de dados.....   | 23            |
| 3.1.1. The Children's Behavior Questionnaire (CBQ).....   | 23            |
| 3.1.2. Questionário de Práticas Parentais (PPI).....  | 24            |
| 3.1.3. Child Behavior Checklist 11/2-5y .....   | 24            |
| 3.2. Análises descritivas .....   | 25            |
| 3.2.1. Caracterização do temperamento da criança .....  | 25            |

|           |  |           |
|-----------|--|-----------|
| 3.2.2.    | Caracterização da Parentalidade através da exploração das práticas educativas maternas   | 26        |
| 3.2.3.    | Caraterização da adaptação das crianças em idade pré-escolar.....  | 27        |
| 3.3.      | Estudo de associações .....  | 29        |
| 3.3.1.    | Correlações entre o temperamento e a adaptação da criança .....  | 29        |
| 3.3.2.    | Correlações entre as práticas parentais e a adaptação da criança .....   | 30        |
| 3.3.3.    | Correlações entre o temperamento e as práticas parentais .....   | 31        |
| 3.4.      | Estudo preditivo .....   | 31        |
| 3.4.1.    | Análise de Regressão Linear Múltipla .....   | 31        |
| <b>4.</b> | <b>Discussão .....</b>   | <b>35</b> |
| 4.1.      | Caracterização de uma amostra de mães e crianças portuguesas de idade pré-escolar em relação ao temperamento, adaptação da criança e práticas maternas .....   | 35        |
| 4.2.      | Relação entre o temperamento e a adaptação das crianças .....  | 36        |
| 4.3.      | Relação entre as práticas parentais maternas e a adaptação das crianças.....   | 37        |
| 4.4.      | Relação entre o temperamento da criança e as práticas parentais .....  | 39        |
| 4.5.      | O papel do temperamento da criança e das práticas como preditores da adaptação e o papel do temperamento como eventual moderador da relação entre as práticas maternas e a adaptação da criança..... | 40        |
| <b>5.</b> | <b>Conclusão e Considerações Finais .....</b>  | <b>42</b> |
|           | <b>Referências bibliográficas.....</b>   | <b>44</b> |
|           | <b>Anexos.....</b>   | <b>54</b> |



## Índice de Quadros

|  |    |
|--|----|
| Tabela 1. Categorias de desenvolvimento .....  | 1  |
| Tabela 2. Subdimensões da emocionalidade negativa.....   | 7  |
| Tabela 3. Subdimensões da extroversão.....   | 7  |
| Tabela 4. Subdimensões do controlo com esforço .....   | 8  |
| Tabela 5. Subdimensões aproximação/antecipação e riso/sorriso.....   | 9  |
| Tabela 6. Consistência interna CBQ .....   | 23 |
| Tabela 7. Consistência interna PPI.....  | 24 |
| Tabela 8. Consistência interna CBCL .....  | 25 |
| Tabela 9. Medidas de tendência central e dispersão do CBQ .....  | 25 |
| Tabela 10. Correlações intra-escala CBQ.....   | 26 |
| Tabela 11. Medidas de tendência central e dispersão do PPI.....  | 26 |
| Tabela 12. Correlações intra-escala do PPI.....  | 27 |
| Tabela 13. Medidas de tendência central e dispersão do CBCL .....  | 28 |
| Tabela 14. Correlação intra-escala CBCL.....   | 28 |
| Tabela 15. Correlações entre os componentes das escalas CBQ e CBCL .....   | 29 |
| Tabela 16. Correlações entre os componentes das escalas PPI e CBCL.....  | 30 |
| Tabela 17. Correlações entre os componentes das escalas CBQ e PPI.....   | 31 |
| Tabela 18. Análise de regressão linear múltipla, tendo por variável dependente os<br>problemas de externalização.....  | 32 |
| Tabela 19. Análise de regressão linear múltipla, tendo por variável dependente os<br>problemas de internalização ..... | 33 |

## Introdução

O presente estudo foi desenvolvido no âmbito do projeto de dissertação para obtenção do grau de mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, no Núcleo de Psicologia da Saúde e da Doença.

Esta dissertação está englobada num projeto de investigação mais alargado, *Pais à medida? Temperamento, parentalidade e adaptação em crianças em idade pré-escolar e escolar*, que tem como objetivo principal analisar a relação entre as características das mães e dos filhos, as estratégias que as mães utilizam para educar os seus filhos e os problemas emocionais e comportamentais de crianças entre os 3 e os 5 anos.

O estudo aqui presente tem como objetivo investigar o temperamento de um grupo de crianças Portuguesas entre os 3 e os 5 anos, e explorar a relação entre o temperamento da criança, as estratégias educacionais maternas e a adaptação das crianças.

O estudo apresentado nesta dissertação está organizado em 4 capítulos. O primeiro, referente ao enquadramento teórico, fazendo uma abordagem da literatura relevante para o tema em causa. São explicitadas as três dimensões abordadas no estudo, bem como evidência empírica das relações encontradas entre estas. No final deste capítulo, é feita referência aos contributos deste estudo, e são apresentados os objetivos. O segundo capítulo refere-se à metodologia, incluindo a explicitação dos procedimentos metodológicos e instrumentos utilizados. No terceiro capítulo são apresentados os resultados do estudo, a análise do temperamento da criança, das práticas parentais maternas e da adaptação da criança, bem como as associações entre estas três variáveis. São apresentados também resultados relativos a uma análise do papel específico das estratégias parentais e do temperamento da criança, como preditores da adaptação da criança, bem como o papel do temperamento como eventual moderador da relação entre as estratégias parentais e a adaptação da criança. Por fim, no último capítulo, faz-se a discussão dos resultados e, na conclusão é apresentada uma reflexão sobre a presente investigação, algumas limitações do estudo e sugestões para futuras investigações.

## 1. Enquadramento Teórico

### 1.1. Adaptação das crianças em idade pré-escolar

O desenvolvimento é inerente ao ser humano, ocorrendo ao longo de todo o processo de vida. O desenvolvimento é parcialmente determinado pelas características genéticas da criança, que se desenvolvem através de processos de maturação, e em interação com as condições ambientais. Este desenvolvimento concretiza-se na realização de determinadas tarefas e desafios, progressivamente mais complexos. A criança deve conseguir em cada etapa dominar as exigências dessa etapa, progredindo ao longo do tempo, a fim de ampliar a sua capacidade de funcionar no contexto físico e social que constitui o seu ambiente (Davies, 2011).

A fase pré-escolar (aproximadamente entre os 2 e os 6 anos), também denominada por segunda infância, é caracterizada por inúmeras mudanças desenvolvimentistas. Nesta fase existem grandes progressos no desenvolvimento fisiológico, cognitivo, relacional e da aprendizagem (Havighurst, 1972). Segundo Newman e Newman (2012), neste período de desenvolvimento as crianças vão construindo uma visão geral de como o seu mundo interpessoal é estruturado, ocorrendo a formação de um esquema do *self* e da sociedade. Várias tarefas de desenvolvimento desenvolvidas durante esta fase contribuem para a capacidade da criança construir esta visão pessoal sobre o mundo.

*Tabela 1. Categorias de desenvolvimento (Havighurst, 1972)*

|   |  |
|---|--|
| Progressos de desenvolvimento de carácter fisiológico | 1. Desenvolvimento motor;<br>2. Desenvolvimento da linguagem;<br>3. Desenvolvimento do processo de autocontrolo.   |
|   | 1. Pensamento – evolui gradualmente, de forma a permitir uma perceção mais clara da realidade. Nesta fase a criança apresenta um pensamento egocêntrico, centrado na sua |

|  |  |
|--|--|
| <p>Progressos de desenvolvimento de carácter cognitivo</p> | <p>perspetiva (Piaget, 1962).</p> <p>2. Processos de autorregulação – evolução destes processos, acompanhados pelo desenvolvimento de circuitos cerebrais em áreas de processamento cognitivo (córtex pré-frontal) e emocional (sistema límbico) (Beauregard; Levesque &amp; Paquette 2004).</p>   |
| <p>Progressos no desenvolvimento relacional</p>            | <p>1. Interesse pela fantasia e jogo com os pares - que contribuiu para importantes oportunidades de desenvolvimento físico, cognitivo, social e emocional (Newman &amp; Newman, 2012).</p> <p>2. Desenvolvimento moral - envolve um processo designado de internalização, comportamento de acordo com as regras de normalização e valores parentais, sem constante monitorização, ou seja, gradualmente as regras tornam-se parte do autoconceito da criança (Newman &amp; Newman, 2012).</p> <p>3. Desenvolvimento do autoconceito - ocorre através das experiências físicas e sociais da criança, transformando-se em autoconsciência, autocontrolo, um sentimento de relação com os outros, e de identidade pessoal e estilo de vida (Newman &amp; Newman, 2012).</p> <p>4. Identificação de género - nesta fase as crianças desenvolvem e</p> |

|  |   |
|--|---|
|  | compreendem a identidade de género, adquirem normas inerentes aos papéis de género, identificando-se com a mãe ou com o pai, e estabelecem uma preferência de género; |
| Progressos de desenvolvimento ao nível da aprendizagem | 1. Controlo dos esfíncteres.  |

Apesar de todos estes processos de desenvolvimento, existem crianças que não acompanham estes progressos, desviando-se do desenvolvimento normal, podendo vir a apresentar problemas de saúde mental, desenvolvimento ou comportamento (Rutter & Soufe, 2000).

Em todas as fases de desenvolvimento existem problemas psicológicos mais comuns. Na fase pré-escolar podemos distinguir dois grupos de problemas: os problemas do desenvolvimento e os problemas socio-emocionais e de comportamento (Rutter & Soufe, 2000).

Os problemas de desenvolvimento incluem vários quadros como a deficiência mental, as perturbações de aprendizagem, os atrasos específicos do desenvolvimento e as perturbações pervasivas do desenvolvimento (Goes, 2013). As perturbações pervasivas do desenvolvimento caracterizam-se por dificuldades marcadas na interação social, linguagem e comunicação, bem como pela presença de comportamentos e interesses repetitivos (Volkmar, Lord, Bailey, Schultz, & Klin, 2004); e, segundo Egger e Angold (2006), são as que têm maior frequência na idade pré-escolar, nomeadamente as perturbações do espectro do autismo.

Como referido por Egger e Angold (2006), os problemas de comportamento e os problemas socio-emocionais na idade pré-escolar têm prevalência semelhante a outras etapas de desenvolvimento, embora o padrão de perturbações apresente algumas especificidades: taxas mais elevadas de perturbações de ansiedade de separação e de oposição e uma menor prevalência de perturbações depressivas (Egger & Angold, 2006). Segundo Goes (2013), os problemas socio-emocionais e de comportamento mais frequentes nesta idade relacionam-se com a perturbação de hiperatividade e défice de atenção, perturbação de oposição, perturbações de ansiedade e perturbação depressiva.

## 1.2. Temperamento

Todas as crianças são diferentes: existem crianças com uma melhor adaptação a determinado contexto social e físico, e outras em que essa adaptação é mais difícil. As diferenças ao nível da capacidade de adaptação por parte das crianças estão relacionadas com uma das temáticas exploradas nesta dissertação: o temperamento.

Os comportamentos da criança são sempre um resultado da interação entre *nature* e *nurture*, ou seja, não só a dimensão biológica que influencia o comportamento observável, mas também as experiências e as condições do meio são influências essenciais e em grande parte determinantes do percurso de desenvolvimento da criança (Sturm, 2004).

O conceito do temperamento tem sido estudado por diversos autores ao longo do tempo. Mas, é a partir de 1980 que se torna um dos temas centrais da psicologia de desenvolvimento (Zentner & Bates, 2008), existindo diversas definições relativas a este conceito. Segundo Sturm (2004), a definição dominante entre os autores que estudam este conceito refere-se ao temperamento como um padrão que ocorre precocemente no comportamento observável da criança, que distingue as crianças umas das outras, e que se presume ter uma base biológica. A existência de uma base biológica para o temperamento é suportada por investigações realizadas com animais, tendo alguns traços comportamentais mais básicos, como a atividade, a timidez e a emocionalidade sido observados em primatas e em certos mamíferos sociais, como os cães (Jones & Gosling, 2005).

Já anteriormente, o *The New York Longitudinal Study* (NYLS, 1956) lançara as bases do estudo do temperamento nas crianças e teve como objetivo a identificação das suas dimensões básicas. Chess e Thomas (1984) desenvolveram uma lista de 9 traços temperamentais, baseados na análise de conteúdo de entrevistas prévias com os pais. As dimensões resultantes desta amostra foram as seguintes: a) nível de atividade; b) ritmicidade; c) aproximação/afastamento; d) adaptabilidade; e) limiar sensorial; f) reação de intensidade; g) qualidade de humor; h) distratibilidade; e i) atenção (Zentner & Bates, 2008). Várias pesquisas posteriores demonstraram alguma redundância entre estas dimensões, pelo que vários autores identificaram novas dimensões baseadas em evidência empírica mais sustentada.

Por exemplo, no mesmo ano, Chess e Thomas (1984) introduziram uma nova tipologia do temperamento da criança, baseada em estudos de análise fatorial e

organizada em três tipos, com intenção de identificar clinicamente uma configuração de características temperamentais mais significantes: “temperamento difícil”, “*slow-to-warm*” e “temperamento fácil”.

Posteriormente, McCall propôs uma definição de temperamento alternativa, num esforço para integrar 4 abordagens de autores distintos (Rothbart, Chess e Thomas, Saudino e, Goldsmith): *O temperamento consiste em disposições básicas relativamente consistentes, inerentes à pessoa, que estão subjacentes e modulam a expressão da atividade, reatividade, emocionalidade e sociabilidade. Os principais elementos do temperamento estão presentes no início da vida, e estes elementos são suscetíveis de ser fortemente influenciados por fatores biológicos. Com a progressão do desenvolvimento, a expressão do temperamento torna-se cada vez mais influenciada pela experiência e contexto* (McCall, 1987, pp.524).

Apesar de existir uma base biológica que explica em parte o temperamento da criança, as experiências a que a criança está sujeita ao longo do desenvolvimento influenciam também a manifestação das características já presentes no temperamento (Sturm, 2004; Saudino & Wang, 2012). Estudos sugerem que diferenças de temperamento estão fortemente influenciadas pelas experiências ambientais ao longo do tempo (Shiner, Buss, McClowry, Putnam, Saudino & Zentner, 2012).

Segundo Saudino e Wang (2012) tanto os fatores genéticos como os fatores ambientais influenciam o temperamento. Shiner et al. (2012) afirmam que o temperamento não deveria ser entendido apenas como uma determinação biológica presente no momento do nascimento e posteriormente moldado pelo experiência e meio, mas sim, como um resultado da relação entre os fatores biológicos e ambientais, que trabalham em conjunto ao longo do desenvolvimento. Embora existam estudos que indicam que a estabilidade do temperamento é devida a fatores genéticos e que as mudanças são devidas a fatores largamente ambientais, Saudino e Wang (2012), consideram que existe também evidência de contribuições genéticas para as mudanças ocorridas no temperamento ao longo do desenvolvimento da criança.

#### 1.2.1. Modelo de Rothbart

O modelo do temperamento subjacente a este estudo, e um dos modelos atualmente dominante na área da parentalidade e da adaptação da criança, é o modelo de

Rothbart. Segundo Rothbart e Deeryberry (1981), o temperamento é definido como as diferenças individuais, tanto na reatividade como na autorregulação, com uma base constitucional.

Constitucional refere-se à constituição biológica duradoura da pessoa, mas que também é influenciada ao longo do tempo pela experiência.

A reatividade refere-se ao desencadear da atividade motora, afetiva, da resposta automática e endócrina, que pode ser avaliada através de parâmetros relacionados com o limiar de reação, latência, intensidade, o tempo para o pico de intensidade de reação, e o tempo de recuperação. Por sua vez, a autorregulação refere-se ao processo que pode modular (facilitar ou inibir) a reatividade. Este processo inclui: atenção, aproximação, afastamento, ataque, comportamento inibitório e capacidade de se confortar (Rothbart, 1989).

A distinção entre reatividade e autorregulação não são conceitos totalmente distintos na medida em que podem estar ambos presentes em diversas reações da criança. No entanto, os autores consideram importante a sua distinção para efeitos de melhor compreensão do desenvolvimento do temperamento, na medida em que os processos de autorregulação vão progressivamente modulando e organizando a reatividade da criança ao longo do desenvolvimento (Rothbart & Derryberry, 1981).

As diferenças individuais no temperamento podem ser avaliadas em níveis muito diferentes. É possível avaliar as diferenças individuais na afetividade, nas expressões faciais, na excitação automática ou neuroendócrina; é possível avaliar estas diferenças em níveis mais gerais da organização emocional, como o medo ou a frustração; e ainda em dimensões mais gerais, tal como a emocionalidade negativa, o controlo com esforço e a extroversão (Rothbart, 1989). São nestas três dimensões de ordem superior relativas ao temperamento que nos vamos centrar, bem como nas subdimensões que integram cada uma delas.

A emocionalidade negativa tem sido conceptualmente e empiricamente associada ao neuroticismo, traço de personalidade presente no adulto (Evans & Rothbart, 2007). Segundo Rothbart (1989), a emocionalidade negativa é uma das primeiras características a emergir no desenvolvimento da criança. A estrutura inerente ao sistema de emocionalidade negativa tem demonstrado alguma constância ao longo do ciclo de vida (Bridgett et al., 2009; Putnam, Ellis & Rothbart 2001; Klein & Linhares, 2010).



*Tabela 2. Subdimensões da emocionalidade negativa (Rothbart, Ahadi, Hershey & Fisher, 2001)*

|                            |  |
|----------------------------|--|
| Raiva/Frustração           | Emocionalidade negativa relacionada com a interrupção das tarefas ou um bloqueio do objetivo.  |
| Desconforto                | Emocionalidade negativa relacionada com as qualidades de estimulação sensorial, incluindo a intensidade, complexidade da luz, do movimento, do som e da textura.                     |
| Medo                       | A emocionalidade negativa que inclui o medo, a preocupação, ou nervosismo e que está relacionado com a dor ou a antecipação do sofrimento e/ou situações potencialmente ameaçadoras. |
| Tristeza                   | Baixo humor e energia relacionada com a exposição ao sofrimento, decepção e perda de objeto.   |
| Capacidade de se confortar | Grau de recuperação do pico de <i>stress</i> , excitação ou alerta geral.  |

Na extroversão verifica-se a iniciação rápida de resposta, alto nível de atividade, preferência por situações caracterizadas por estímulos de alta intensidade (exposição a risos e sorrisos), relativa inquietação em novas situações sociais (Bridgett et al., 2009; Putnam et al. 2001; Klein & Linhares, 2010), e aproximação a novos estímulos (Gartstein & Rothbart, 2003; Rothbart, 1989).

As subdimensões que fazem parte da extroversão são: nível de atividade, prazer de alta intensidade, impulsividade e timidez.

*Tabela 3. Subdimensões da extroversão (Rothbart et al., 2001)*

|                                  |   |
|----------------------------------|---|
| Nível de atividade               | Atividade motora geral, incluindo o ritmo e extensão de locomoção.  |
| Prazer de alta intensidade       | Prazer ou satisfação, relacionados com situações que envolvam estímulos de alta intensidade, ritmo, complexidade, novidade e incongruência. |
| Impulsividade                    | Velocidade de iniciação de resposta.  |
| Timidez (vs. aproximação social) | Velocidade lenta ou inibida (vs. rápida) de aproximação e desconforto em situações sociais.   |

O controlo com esforço é, em grande parte, produto do desenvolvimento do sistema de atenção executiva, sendo o último traço de temperamento a emergir no desenvolvimento da criança, na medida em que o início da atenção executiva ocorre no final do primeiro ano de vida. Esta dimensão de temperamento parece desempenhar um papel central nos processos de socialização afetiva da criança, sendo um ponto essencial no desenvolvimento da autorregulação (Bridgett et al., 2009; Putnam et al. 2001; Klein & Linhares, 2010).

A emergência do controlo com esforço coincide com o rápido desenvolvimento do sistema cerebral de atenção executiva influenciado pelo cortex préfrontal lateral e pela região anterior cingulante (Rothbart, Derryberry & Posner, 1994; Posner & Rothbart, 2007). Estruturalmente, o controlo com esforço inclui o foco consciente num estímulo, desviando a atenção de estímulos alternativos ou concorrentes – inibir ou ativar uma resposta, dependendo da situação a que estamos expostos – e a capacidade de apreciar as atividades de baixa intensidade (Putnam, Gartstein, & Rothbart, 2006; Rothbart et al., 2001).

O controlo com esforço está também relacionado com a estabilidade das características temperamentais. No início de vida, provavelmente não haverá nenhum tipo de controlo na manifestação dos traços temperamentais já presentes na criança. No entanto, com o desenvolvimento de novos sistemas temperamentais (idade pré-escolar), os sistemas de controlo (autorregulação) entram em funcionamento podendo levar à alteração da expressão e estabilidade das características mais reativas (Rothbart, 2011). Segundo Roberts e DelVecchio (2000), as características temperamentais tornam-se mais consistentes com a idade, mostrando uma estabilidade substancial após os anos pré-escolares.

As subdimensões inerentes ao controlo com esforço são: focalização da atenção, sensibilidade percetual, controlo inibitório e prazer de baixa intensidade.

*Tabela 4. Subdimensões do controlo com esforço (Rothbart et al., 2001)*

|                         |  |
|-------------------------|--|
| Focalização da atenção  | A capacidade de manter o foco atencional numa determinada tarefa.          |
| Sensibilidade percetual | Refere-se à deteção de estímulos de baixa intensidade do ambiente externo. |

|                             |  |
|-----------------------------|--|
| Controlo inibitório         | Capacidade para planear e para suprimir respostas de aproximação inapropriadas sob instruções, em situações novas ou incertas.               |
| Prazer de baixa intensidade | Prazer ou satisfação, relacionadas com situações que envolvam estímulos de baixa intensidade, ritmo, complexidade, novidade e incongruência. |

Existem ainda duas subdimensões que não fazem parte de nenhuma das dimensões acima referidas: aproximação/antecipação e riso/sorriso.

*Tabela 5. Subdimensões aproximação/antecipação e riso/sorriso (Rothbart et al., 2001)*

|                             |  |
|-----------------------------|--|
| Aproximação/<br>Antecipação | Quantidade de excitação e antecipação para atividades agradáveis esperadas.                            |
| Riso/<br>Sorriso            | Afeto positivo em resposta a mudanças na intensidade do estímulo, ritmo, complexidade e incongruência. |

#### 1.2.2. Implicações clínicas do estudo do temperamento da criança

O conhecimento do conceito de temperamento permite-nos prever alguns comportamentos da criança. Este conhecimento permite-nos programar estratégias preventivas, de forma a minimizar o impacto de determinadas características temperamentais e, conseqüentemente, uma diminuição dos problemas de adaptação. Por exemplo, ao nível familiar verifica-se que o conhecimento das questões inerentes ao temperamento permite explicar aos pais as diversas características e necessidades da criança, para que os pais tenham uma abordagem adequada a estas mesmas características e necessidades (Bates, 1989). Sturm (2004) refere que os profissionais podem envolver os pais na compreensão de comportamentos mais desafiadores ou irritantes da criança, como característica temperamental, para que os mesmos moldem a sua prática educativa em função dessas mesmas características.

#### 1.3. Estratégias parentais

Tendo em conta as informações acima apresentadas relativas ao temperamento da criança, pode-se constatar que para algumas crianças a manifestação de determinados comportamentos é intrinsecamente mais fácil do que para outras. Por exemplo, estudos realizados por Nigg (2006) e Rothbart, Posner e Hershey (1995) comprovam a relação existente entre o temperamento e a adaptação da criança, ou seja, diferenças ao nível do temperamento estão relacionadas com uma melhor ou pior adaptação. Do mesmo modo, a literatura também nos indica que a forma como os pais lidam com os seus filhos pode levar a diferenças ao nível da adaptação. Assim, algumas estratégias poderão ser mais eficazes ou bem aceites por crianças com determinadas características de temperamento (Alvarenga & Piccinini, 2001).

Segundo Belsky (1984), a parentalidade é diretamente influenciada por dimensões específicas da individualidade do pai/mãe (personalidade), da individualidade da criança (características individuais da criança), e do contexto social mais amplo em que a relação pai-filho é incorporada, especificamente, relações conjugais, redes sociais e experiências profissionais dos pais. As histórias de desenvolvimento dos pais, as relações conjugais e as redes sociais e empregos influenciam a personalidade individual e bem-estar geral dos pais e, assim, o funcionamento dos pais que, por sua vez, influenciam o desenvolvimento da criança. Também Darling & Steinberg (1993) enfatizam a ideia de que a parentalidade é sustentada por três características, através das quais o estilo parental influencia o desenvolvimento da criança: os valores e objetivos que os pais transmitem na socialização dos filhos, as práticas parentais que utilizam e as atitudes que expressam com os seus filhos.

Os pais ensinam as crianças a regular as suas emoções e comportamentos de diferentes formas (Kiss, Fechete, Pop & Susa, 2014). É importante assinalar a diferenciação feita por vários autores entre práticas parentais e estilos parentais. As práticas parentais referem-se a comportamentos definidos por objetivos de conteúdo e socialização específicos, como participar em eventos escolares ou “dar uma palmada no rabo”. Os estilos parentais são definidos como uma constelação de atitudes relativas à criança que criam um clima emocional em que os comportamentos dos pais são expressos. Estes comportamentos incluem aspetos que englobam práticas parentais, bem como outros aspetos da interação entre pais-criança mais globais (Darling & Steinberg, 1993).

Nesta linha, Baumrind (1971, 2005) define os estilos parentais com base na articulação de duas dimensões distintas: suporte emocional e controle. O controle é definido como as exigências que os pais fazem às crianças para as integrarem na sociedade, através da regulação comportamental, confronto direto, busca de maturidade (controle comportamental) e supervisão das atividades das crianças. O suporte emocional é definido como a medida em que os pais fomentam a individualidade e autoafirmação nas crianças, através da sintonia, suporte e aceitação das solicitações da criança, incluindo suporte à autonomia e comunicação fundamentada.

A partir destas dimensões, a mesma autora faz referência a quatro estilos parentais: o estilo autoritativo (elevada exigência e afetividade), caracterizado por envolvimento parental, responsividade às necessidades da criança, e expectativas baseadas na monitorização comportamental; autoritário, (elevada exigência e baixa afetividade), caracterizado por práticas de carácter rígido e punitivo, bem como afirmação do poder sem afetividade e abertura ao diálogo; permissivo, (baixa exigência e elevada afetividade), com supervisão e monitorização reduzida ou inexistente; e por fim, o negligente (baixa exigência e afetividade), caracterizado por baixo controle e afeto e envolvimento com a criança reduzido (Maccoby & Martin, 1983).

Já as práticas parentais, são comportamentos parentais específicos, orientados por objetivos, destinados a influenciar os comportamentos das crianças (Darling & Steinberg, 1993). Apesar de dimensões distintas, os estilos parentais e as práticas parentais não são dissociáveis, visto que os estilos parentais agrupam um conjunto de práticas específicas.

Alguns estudos têm encontrado relação entre o envolvimento parental e a adaptação socioemocional da criança (Pettit, Bates, & Dodge, 1997). Autores como Alvarenga e Piccinini (2001) consideram que as práticas parentais podem ser divididas em dois tipos: as práticas indutivas e as práticas coercivas. Ambas com a função de comunicar à criança o desejo que os pais têm de que ocorra uma modificação no comportamento.

A prática indutiva caracteriza-se por informar a criança relativamente às consequências do seu comportamento, fazendo referência aos aspetos lógicos da situação (Hoffman, 1975, 1994). A utilização desta prática parental permite à criança desenvolver um sentido de autonomia para controlar o seu próprio comportamento (Alvarenga & Piccinini, 2001).

A prática coerciva consiste na aplicação direta de força, incluindo a punição física, privação de privilégios e afetos, ou a utilização de ameaças na criança (Hoffman, 1975). A utilização destas práticas produz emoções intensas, como o medo, a raiva e a ansiedade, que tendem a reduzir a possibilidade da criança compreender a situação. Além de não contribuir para aquisição de comportamentos adequados, o uso desta prática provoca comportamentos desajustados nas crianças, como por exemplo comportarem-se de forma coerciva para com os pares (Alvarenga & Piccinini, 2001).

#### 1.4. Temperamento e Adaptação da criança

Vários estudos têm demonstrado uma ligação entre o temperamento e a adaptação da criança, nomeadamente a influência do temperamento, nos comportamentos da criança - problemas de comportamento ao nível da internalização e da externalização. O temperamento tem sido conceptualizado como um dos fatores mais importantes ao nível das diferenças individuais, que moldam e definem as trajetórias de desenvolvimento (Nigg, 2006; Rothbart, Posner & Hershey, 1995).

Neste sentido, e de uma forma global, várias pesquisas têm demonstrado consistentemente que um temperamento mais difícil no início de vida está associado a taxas de desajustamento mais elevadas e a problemas de comportamento (Bates, Watchs & Ende, 1994; Earls, 1981; Eisenberg, 1996/2009; Graham, Rutter & Geroge, 1973; Lawson & Ruff, 2004; Lemery, Essex, & Smider, 2002; McInerny & Chamberlin, 1975; Prior, Sanson, Oberlaid & Northam, 1987; Rothbart, Derryberry & Posner, 1994).

Num sentido mais estrito, também é encontrada evidência da existência de relações entre as subdimensões do temperamento e a adaptação das crianças. Por exemplo, crianças com maior reatividade negativa parecem ser mais suscetíveis a mudanças ambientais, apresentando um maior risco na ocorrência de determinadas mudanças (Belsky & Pluess, 2009; Elis, Boyce, Belsky, Bakermans-Kranenburg & VanIJzendoorn, 2011). Outros estudos relacionaram a emocionalidade negativa com os problemas de externalização e internalização (Gartstein, Putnam & Rothbart, 2012) e, segundo Putnam, Rothbart e Gartstein (2008), a emocionalidade negativa avaliada na infância prevê *distress* no período pré-escolar.

Também a extroversão tem sido associada a problemas de externalização (Rothbart & Bates, 2006). No entanto, Fowles (1994) propôs que os problemas de

internalização, nomeadamente de natureza depressiva, são devidos à baixa atividade de sistemas comportamentais de aproximação, o que nos remete também para uma associação entre a baixa extroversão e os problemas de internalização (Gartstein et al., 2012). Estudos realizados também por estes autores referem existir uma associação entre altos níveis de extroversão e problemas de externalização e uma associação entre baixos níveis de extroversão e problemas de internalização.

O controlo com esforço é também uma dimensão que se associa a problemas de internalização e externalização, com influência mais forte ao nível da externalização (Gartstein et al., 2012). Estes autores demonstram também que altos níveis de emocionalidade negativa e baixos níveis de controlo com esforço estão associados a problemas de internalização e externalização, embora o controlo com esforço apresente uma maior relação com os problemas de externalização. Eisenberg et al. (2009) encontram também evidências de que défices ao nível do controlo com esforço preveem níveis elevados e crescentes de problemas de internalização nas crianças dos 6 aos 10 anos.

### 1.5. Práticas parentais e Adaptação da criança

Também relativamente às práticas parentais, existem vários estudos que indicam a existência de relações entre as práticas parentais e a adaptação comportamental. Uma longa pesquisa ao longo de vários anos relativamente ao relacionamento entre pais e filhos, foi baseada na suposição de que os pais influenciam os seus filhos numa dimensão maior do que os filhos influenciam os pais (Pettit & Lollis, 1997). Os pais foram intitulados de agentes de socialização primária dos filhos, e os filhos considerados destinatários passivos dessa socialização (Perlman & Ross, 1997; Pettit & Lollis, 1997). Porém, várias pesquisas posteriores enfatizaram a contribuição de um processo bidirecional, ou seja, a criança e os pais influenciam-se mutuamente (Bell, 1977; Bell & Harper, 1977; Conger & Simons, 1997; Pettit & Lollis, 1997; Sameroff, 1975).

Desta forma, salienta-se o modelo de coerção de Patterson (1995), que descreve o desenvolvimento de ciclos coercivos na interação pai-filho durante a primeira infância. O desenvolvimento destes ciclos de reciprocidade implicam várias etapas: (1) o comportamento agressivo da criança – recusa a cumprir as exigências dos pais -, (2) o

pedido dos pais para cumprir a tarefa - intrusão -, (3) comportamento de escalada da criança e, (4) recapitulação do pedido dos pais. Por exemplo, quando os pais pedem à criança para parar um determinado comportamento, a reação da criança pode ser excessiva o que poderá levar a cedência desse comportamento pelos pais. Esta atitude parental levará, a longo prazo, a um aumento de comportamentos coercivos por parte da criança, como forma de evitar a situação aversiva imposta pelos pais (Verhoeven, Junger, Akan, Dekovic & Akan, 2009).

Vários estudos foram realizados entre as práticas parentais e a adaptação da criança, tendo sido encontrada evidência de que as práticas negativas que incluem a coerção, punição física e inconsistência estão associadas a elevados níveis de problemas de comportamento (Gershoff, 2002); e, práticas parentais positivas podem evitar o surgimento e/ou manutenção de problemas de comportamento (Patterson, Reid & Dishion, 2002).

A maioria dos estudos confirma a importância de práticas não coercivas (ex. explicações e negociações), de reforço positivo contingente e do envolvimento positivo dos pais para a competência social da criança (Arsenio & Overton, 2004; Raver, 1996;), bem como a relação existente entre uso predominante de práticas de carácter coercivo e os problemas comportamentais (Alvarenga & Piccinini, 2001; Bolsoni-Silva & Marturano, 2002; McLoyd & Smith, 2002).

Outros estudos confirmam uma relação entre as reações dos pais a emoções negativas e os problemas de internalização das crianças em idade pré-escolar e escolar. Apesar dos resultados serem menos consistentes, existe evidência de que as crianças, cujos pais têm reações punitivas ou de minimização em resposta à expressão emocional das crianças, são mais propensas a ficar tristes e ansiosas (Denham, Bassett, e Wyatt, 2007; Rubin, Burgess, e Hastings, 2002).

Desta forma, parece existir consistência na literatura anglo-saxônica relativamente às relações existentes entre práticas punitivas e coercivas e alguns tipos de problemas de comportamento, especialmente no âmbito da externalização (Alvarenga e Piccinini, 2001). Nomeadamente é encontrada evidência para a existência de relações entre as práticas de carácter coercivo e punitivo e problemas de comportamento – externalização (Achenbach, 1991; Fox, Platz e Bentley, 1995). Por outro lado, atitudes parentais positivas, associadas a práticas indutivas estão relacionadas com ausência de problemas de comportamento. Por exemplo, Chen et al. (2003), MacDonald (1992) e Skinner, Johnson, & Snyder (2005), verificaram que dimensões parentais positivas –



suporte parental (por exemplo, capacidade de resposta e o envolvimento parental), e disciplina positiva (por exemplo, reforço do comportamento adequado e raciocínio indutivo) - apresentam resultados benéficos no desenvolvimento das crianças, fazendo com que a criança se sinta confortável, ensinando à criança comportamentos alternativos de resolução de problemas.

#### 1.6. Importância do estudo

Como se pode verificar, vários estudos indicam a existência de relações entre as práticas parentais e a adaptação da criança, e o temperamento da criança e adaptação da criança. Porém, existe pouca investigação que relacione as três dimensões apresentadas neste estudo, nomeadamente investigação que considere o temperamento como eventual moderador da relação entre as práticas parentais e a adaptação da criança.

Porém, existe alguma evidência empírica de que as práticas educativas maternas estão relacionadas com os problemas de externalização na infância, mas que estes efeitos são também dependentes do temperamento da criança.

Salienta-se as relações encontradas entre a frustração da criança e a sensibilidade materna, como tendo efeitos diretos e significativos no comportamento negativo da criança. Crianças com baixo nível de atividade mostram níveis similares de comportamentos negativos, independentemente da intrusividade materna, ao passo que a intrusividade materna em crianças com altos níveis de atividade apresenta um maior grau de comportamentos negativos. Isto é, crianças com um maior nível de atividade apresentam mais comportamentos negativos quando o comportamento das mães é caracterizado como muito intrusivo (Szabó, Dekovic, Aken, Verhoeven, Aken & Junger, 2008). Outros estudos indicam que a parentalidade sensível pode prevenir o comportamento negativo das crianças, tendo assim um impacto positivo na qualidade do relacionamento entre a mãe e a criança (Van Zeijl, Mesman, Stolk, Alink & Van Ijzendoorn, 2007).

Verifica-se assim a existência clara de uma relação entre estas três dimensões, nomeadamente em investigações que consideram os comportamentos de externalização. Por exemplo, crianças com temperamentos difíceis parecem ser mais afetadas por determinados tipos de parentalidade do que crianças com temperamentos médios ou fáceis. Desta forma, existe evidência de que crianças com temperamento difícil mostram

uma maior redução de comportamentos de externalização, quando expostas a altos níveis de sensibilidade materna, experiências com elevado suporte emocional, afeto positivo e competência instrumental (Bradley & Corwyn, 2008).

A presente investigação visa explorar a relação entre as três dimensões em mães e crianças de idade pré-escolar Portuguesas. Este estudo permite ainda contribuir para o estudo do temperamento em crianças pré-escolares em contexto português, contribuindo para uma perspetiva intercultural sobre o temperamento. Espera-se que os resultados tenham alguma relevância para a prevenção dos problemas de adaptação nesta fase de desenvolvimento.

### 1.7. Objetivo geral e objetivos específicos

O objetivo geral deste estudo foi o de estudar a relação entre as práticas educativas maternas e a adaptação das crianças entre os 3 e os 5 anos, considerando o papel do temperamento da criança como eventual moderador desta relação.

Pretendemos responder aos seguintes objetivos específicos:

1. Caracterização de uma amostra de mães e crianças Portuguesas de idade pré-escolar em relação ao temperamento, adaptação da criança e práticas maternas.
2. Avaliar a relação entre o temperamento da criança e a adaptação da criança, para responder às seguintes questões:
  - Níveis mais altos de extroversão e emocionalidade negativa e níveis mais baixos de controlo com esforço estão associados a mais problemas de externalização?
  - Baixos níveis de extroversão e altos níveis de afetividade estão associados a mais problemas de internalização?
3. Avaliar a relação entre as práticas parentais maternas e a adaptação da criança, para responder às seguintes questões:
  - Qual relação entre as estratégias educacionais maternas e a adaptação da criança, nomeadamente ao nível dos problemas de internalização e externalização?

- Existe uma associação entre as práticas educativas maternas, nomeadamente a disciplina inconsistente e a punição física com problemas de adaptação?
4. Avaliar a relação entre o temperamento da criança e as práticas parentais maternas.
  5. Avaliar o papel do temperamento e das práticas parentais como preditores da adaptação e explorar o papel do temperamento da criança como eventual moderador da relação entre as práticas maternas e a adaptação da criança.

## **2. Metodologia**

### **2.1. Caracterização metodológica do estudo**

O presente estudo caracteriza-se como observacional, descritivo e transversal.

Foi utilizada uma abordagem quantitativa, com recurso a escalas com base numérica, subjacentes aos questionários aplicados, que conduziram a uma análise estatística dos resultados, e utilizado um *design* correlacional e preditivo.

### **2.2. População e Amostra**

Foi definida como população alvo para este estudo, crianças a frequentar o ensino pré-escolar com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos e como informadores as mães destas crianças.

A amostra do estudo foi recolhida em várias escolas da grande Lisboa e do concelho de Santarém. Os dados foram recolhidos entre Março e Maio de 2014. A amostra é comunitária e de conveniência. Foram considerados como critérios de exclusão: mães ou crianças com deficiência cognitiva e/ou, que não tenham domínio razoável da língua portuguesa, identificadas a partir de informação do estabelecimento escolar.

A amostra final ficou constituída por 179 participantes, sendo que 84 pertencem ao sexo masculino e 93 ao sexo feminino. É desconhecido o sexo de dois dos participantes. A presente amostra é constituída por 20.7% de crianças de 3 anos, 43% de crianças de 4 anos e, 36.3% de 5 anos ( $M= 4.16$ ;  $Dp=.741$ ).

### **2.3. Instrumentos de recolha de dados**

#### **2.3.1. Questionário sociodemográfico**

Foi utilizado um questionário sociodemográfico composto por informações relativas à criança e aos seus pais, nomeadamente, a data de nascimento, o sexo, os adultos com quem coabitam, fratria e lugar na fratria, para a criança; e o estado civil e a escolaridade dos pais.

### 2.3.2. Adaptação da criança - Child Behavior Checklist 11/2-5y

O questionário de comportamentos da criança é um questionário que tem como objetivo avaliar um amplo espectro de problemas e funções adaptativas nas crianças. É um questionário de hétero-relato, preenchido pelas figuras parentais e/ou cuidadoras (Achenbach, 2007).

Este questionário é composto por 118 itens, avaliados numa escala de likert de 0 a 2 (0 – não é verdadeira, 1 – de alguma forma ou algumas vezes verdadeira e 2 – muito verdadeira ou muitas vezes verdadeira), que possibilita uma avaliação estandardizada dos problemas de comportamento ao nível da internalização e da externalização, bem como, um valor total (Achenbach & Rescorla, 2000). Este instrumento é constituído ainda pelas subescalas reatividade emocional, ansiedade e depressão, queixas somáticas, isolamento, problemas de sono, problemas de atenção e comportamento agressivo. Para o presente estudo serão utilizadas as escalas problemas de internalização, composta pelas escalas reatividade emocional, ansiedade e depressão, queixas somáticas e isolamento; problemas de externalização composta pelas escalas problemas de atenção e comportamento agressivo; e problemática total. Este instrumento também recolhe informações clínicas, através de perguntas abertas (Achenbach, 2007).

### 2.3.3. Temperamento da Criança - The Child Behavior Questionnaire (Rothbart, 1996)

O CBQ foi desenvolvido segundo o modelo de Rothbart - modelo de reatividade e autorregulação do temperamento – para fornecer um relato cuidado e altamente diferenciado do temperamento das crianças entre os 3 e os 8 anos.

O instrumento é fundamentado numa definição de temperamento constitucionalmente baseada nas diferenças individuais na reatividade e na autorregulação, influenciada pela hereditariedade e ao longo do tempo pela experiência. Trata-se de um questionário de hétero-relato em que cada um dos itens é avaliado por uma escala de Likert de 1 a 7, sendo 1 – extremamente falso e 7 – extremamente verdadeiro; e ainda existe a opção “não se aplica”, quando os pais não consideram ser observado na criança a situação descrita (Putnam & Rothbart, 2006).

Este instrumento é constituído por 94 itens referentes a 15 escalas: raiva/frustração; desconforto; medo; tristeza; capacidade de confortar-se; nível de atividade; prazer de alta intensidade; impulsividade; timidez (vs. aproximação social); focalização da atenção; sensibilidade percetual; controlo inibitório; prazer de baixa intensidade; aproximação/antecipação; e riso/sorriso. Este instrumento é ainda composto por três grandes dimensões: emocionalidade negativa, extroversão e controlo com esforço, as quais nos vamos centrar neste estudo. São exemplos de itens deste questionário: “Parece estar à vontade com quase todas as pessoas”, “Fica muito incomodado com um corte ou ferida pequena” e “Não tem medo do escuro”. Os principais estudos encontraram bons valores de consistência interna para as três dimensões principais usadas neste estudo.

#### 2.3.4. Estratégias Maternas: Questionário de Práticas Parentais (University of Washington-Parenting Clinic; versão portuguesa de Gaspar e Santos, 2008)

Este instrumento pretende avaliar as práticas parentais e é composto por 7 subescalas: Disciplina inconsistente, Disciplina Verbal Positiva, Monitorização, Punição Física, Elogios e Incentivos e Expectativas Claras. Inclui itens que abordam aspetos relacionados com a comunicação, bem como com a resolução de problemas/conflitos, entre outros.

Este questionário foi retirado do programa *The Incredible Years*, sobre práticas parentais, desenvolvido por Caroline Webster-Stratton, da *University of Washington, Parenting Clinic*; e, posteriormente traduzido e adaptado para a população portuguesa

em 2004 por Gaspar e Santos. Apesar de existirem estudos psicométricos preliminares da versão portuguesa (Azevedo, 2013), neste estudo optou-se por se usarem as subescalas originais. A cotação é efetuada numa escala de *Lickert* de 7 pontos (desde o totalmente falsa à totalmente verdadeira, tendo ainda um ponto referente ao “não se aplica”). Este questionário é constituído por itens como: “Se a sua criança bate noutra qual é a probabilidade de reagir das seguintes formas...”, havendo várias possibilidades de resposta como “coloca-a num sítio sozinha durante algum tempo” ou “levanta a voz (ralha ou grita) ”.

Apesar da existência da tradução e adaptação para a população portuguesa, as normas utilizadas são referentes ao estudo principal, o qual apresenta valores de consistência interna razoáveis (monitorização) a bons.

#### 2.4. Procedimento

Foram contactados vários estabelecimentos de ensino, públicos e privados, de forma a apurar o seu interesse no presente estudo. Neste primeiro contacto foi enviada uma informação de apresentação/explicação do estudo, bem como dos seus objetivos.

Depois do estudo ter sido aprovado pela Comissão de Deontologia da FPUL e pela Direção Geral de Ensino, fez-se um segundo contacto com os estabelecimentos de ensino, submetendo o estudo à aprovação das direções das escolas. Após a aprovação das escolas, todas as mães das crianças com as idades pretendidas, que frequentavam as instituições envolvidas, foram convidados a participar no projeto, através de uma carta convite para participar no estudo, com a informação relativa ao estudo e o protocolo de consentimento. A articulação foi realizada pelas educadoras dos estabelecimentos de ensino envolvidos. No caso das mães que concordaram em participar, foi novamente enviado um envelope com os instrumentos e instruções para o referido preenchimento e um contacto para possíveis esclarecimentos. Por fim, as mães devolveram os questionários às educadoras em envelope fechado.

Os dados recolhidos foram transferidos para formato informático através do sistema de leitura ótica Teleform.

## 2.5. Análise dos dados

Os dados recolhidos foram analisados através do Statistical Package for Social Sciences – SPSS – versão 22 para Windows. Os dados omissos foram substituídos e foram invalidados alguns questionários devido ao elevado número de resultados omissos.

Os dados recolhidos relativamente à caracterização da amostra foram obtidos a partir da realização de procedimentos de estatística descritiva.

Para dar resposta às questões de investigação foram realizados diversos procedimentos e análises estatísticas. Para a análise das associações entre as variáveis presentes no estudo foram utilizados testes não paramétricos (e.g. Teste de Spearman), porque a distribuição da amostra não correspondia aos pressupostos da normalidade (teste de Kolmogorov-Semirnov) nem aproximadamente normal (a estatística de assimetria e da curtose não tinham valores aproximadamente inferiores a 2x o erro padrão). Foram também utilizados procedimentos estatísticos de regressão linear múltipla. Antes da realização do modelo de regressão linear múltipla procedeu-se à transformação dos dados das variáveis dependentes, problemas de internalização e problemas de externalização, através da fórmula SQRT.



### 3. Resultados

De seguida serão apresentados os resultados do presente estudo. Em primeiro lugar serão referidos os resultados das análises preliminares dos questionários e, em seguida serão apresentados os resultados relativos aos objetivos específicos do estudo.

#### 3.1. Estudos preliminares dos instrumentos de recolha de dados

Para todos os questionários foi realizada uma análise preliminar à distribuição das respostas e dos valores omissos, tendo-se procedido à substituição dos valores omissos quando considerado necessário, através da média dos resultados de cada subescala ou dimensão, dependendo do questionário. Para avaliar a fiabilidade dos instrumentos utilizados na amostra do presente estudo, foi apurado o coeficiente de consistência interna *alfa de Cronbach*.

##### 3.1.1. The Children's Behavior Questionnaire (CBQ)

Apesar de na análise preliminar terem sido encontrados itens com uma percentagem de valores omissos superior a 5% (itens 17 – 6,4%, 45 – 10,2%, 54 – 9,1% e 56 – 6,4%), estes valores foram substituídos e os itens não foram eliminados, por ter sido considerada uma percentagem de valores omissos razoável. Salienta-se que, no caso das respostas cotadas com o valor 8 (“não aplicável”), os valores também foram substituídos pela média do resultado da subescala, para não afetar o valor total da subescala.

*Tabela 6. Consistência interna CBQ*

|                         | Nr. de itens | Alfa Cronbach | Putman & Rothbart (2006) |
|-------------------------|--------------|---------------|--------------------------|
| Extroversão             | 25           | .80           | .73 - .76                |
| Emocionalidade negativa | 28           | .85           | .66 - .70                |

|                      |    |     |           |
|----------------------|----|-----|-----------|
| Controlo com esforço | 25 | .76 | .62 - .78 |
|----------------------|----|-----|-----------|

Da realização da análise de fiabilidade da escala CBQ verificou-se a existência *alfas de Cronbach* bons para as três dimensões, e semelhantes ou superiores aos obtidos no estudo original (Tabela 6).

### 3.1.2. Questionário de Práticas Parentais (PPI)

A distribuição dos resultados e dos valores omissos não exigiu a eliminação de nenhum item.

*Tabela 7. Consistência interna PPI*

|                            | Nr. de itens | Alfa Cronbach | Parenting Practices Interview Information<br>** |
|----------------------------|--------------|---------------|---|
| Disciplina apropriada      | 12           | .78           | .82   |
| Disciplina inconsistente   | 15           | .75           | .80   |
| Disciplina verbal positiva | 9            | .72           | .75   |
| Monitorização              | 5            | .42           | .54   |
| Punição física             | 6            | .73           | .76   |
| Elogios e incentivos       | 11           | .73           | .67   |
| Expetativas claras*        | 5            | .62           | .66   |

\*exclusão do item 10.c.

\*\* *The Parenting Clinic* retirado de <http://www.son.washington.edu/centers/parenting-clinic/forms.asp>

Os valores obtidos no questionário PPI variam entre valores aceitáveis, na dimensão disciplina apropriada, e baixos, na dimensão monitorização. Foi eliminado o item 10.c. de forma a aumentar o alfa de cronbach da dimensão expetativas claras (anteriormente  $\alpha=.59$ ).

### 3.1.3. Child Behavior Checklist 11/2-5y

A distribuição dos resultados e dos valores omissos não exigiu a eliminação de nenhum item.

*Tabela 8. Consistência interna CBCL*

|                             | Nr. de itens | Alfa Cronbach |
|-----------------------------|--------------|---------------|
| Reatividade emocional       | 9            | .67           |
| Ansiedade/Depressão         | 8            | .72           |
| Queixas Somáticas           | 11           | .51           |
| Isolamento                  | 8            | .61           |
| Problemas de sono           | 7            | .72           |
| Problemas de atenção        | 5            | .57           |
| Comportamento agressivo     | 19           | .88           |
| Problemas de externalização | 24           | .89           |
| Problemas de internalização | 36           | .84           |
| Total da problemática       | 99           | .94           |

Os valores de consistência interna das diferentes subescalas, variaram entre um valor máximo de .94 (excelente), na dimensão total da problemática, e um valor mínimo de .51 (fraco), na dimensão queixas somáticas.

### 3.2. Análises descritivas

#### 3.2.1. Caracterização do temperamento da criança

Neste estudo centramo-nos nas três grandes dimensões do temperamento: emocionalidade negativa, extroversão e controlo com esforço. Procedeu-se à análise de procedimentos de estatística descritiva para estas dimensões, e os resultados podem ser encontrados na tabela 9.

Salienta-se que a dimensão controlo com esforço apresenta a média mais elevada e a dimensão emocionalidade negativa a média mais baixa.

*Tabela 9. Medidas de tendência central e dispersão do CBQ*

|  | N | Mínim<br>o | Máxim<br>o | Média | Desvio<br>padrão |
|--|---|------------|------------|-------|------------------|
|--|---|------------|------------|-------|------------------|

|                         |     |      |      |      |     |
|-------------------------|-----|------|------|------|-----|
| Emocionalidade negativa | 179 | 2.39 | 5.94 | 4.33 | .72 |
| Extroversão             | 179 | 3.02 | 6.90 | 4.93 | .70 |
| Controlo com Esforço    | 179 | 2.96 | 6.92 | 5.40 | .54 |

Como podemos verificar na tabela 10, não se observam relações significativas entre as dimensões do temperamento, à exceção de uma relação significativa fraca e inversa entre a dimensão emocionalidade negativa e controlo com esforço.

*Tabela 10. Correlações intra-escala CBQ*

| Temperamento            |             |                      |
|-------------------------|-------------|----------------------|
| Temperamento            | Extroversão | Controlo com esforço |
| Emocionalidade negativa | -.131       | -.180*               |
| Extroversão             |             | -.116                |

\*\*p<0,01; \*p<0,05

### 3.2.2. Caracterização da Parentalidade através da exploração das práticas educativas maternas

Na tabela 11 encontram-se as medidas de tendência central e dispersão obtidas da análise do questionário PPI, composto por sete escalas distintas relativas a práticas parentais utilizadas pelas mães. A monitorização e a disciplina verbal positiva, são reportadas pelas mães como as práticas parentais mais utilizadas. A punição física é reportada como a prática parental menos utilizada.

*Tabela 11. Medidas de tendência central e dispersão do PPI*

|                          | N   | Mínimo | Máximo | Média | Desvio padrão |
|--------------------------|-----|--------|--------|-------|---------------|
| Disciplina Apropriada    | 179 | 2,17   | 6.08   | 3.86  | .85           |
| Disciplina Inconsistente | 179 | 1.33   | 4.67   | 2.77  | .57           |

|                            |     |      |      |      |     |
|----------------------------|-----|------|------|------|-----|
| Disciplina Verbal Positiva | 179 | 3.33 | 6.89 | 5.43 | .68 |
| Monitorização              | 179 | 2.20 | 7.00 | 5.93 | .80 |
| Punição Física             | 179 | 1,00 | 5.00 | 1.76 | .66 |
| Elogios e Incentivos       | 179 | 2.09 | 6.00 | 4.05 | .79 |
| Expetativas Claras*        | 179 | 1.83 | 6.50 | 4.17 | .80 |

\*sem o item 10.c.

Na tabela 12 podemos encontrar as correlações intra-escala do PPI, onde se observa a existência de várias correlações significativas positivas, fracas e moderadas, entre as subescalas deste questionário, e algumas correlações negativas e fracas.

*Tabela 12. Correlações intra-escala do PPI*

|                               | Discipl.<br>Inconsistente | Discipl.<br>Verbal<br>Positiva | Monit. | Punição<br>Física | Elogios e<br>Incent. | Expetativas<br>Claras |
|-------------------------------|---------------------------|--------------------------------|--------|-------------------|----------------------|-----------------------|
| Disciplina Apropriada         | .047                      | .241**                         | .045   | .312**            | .053                 | .436**                |
| Disciplina<br>Inconsistente   |                           | -.202**                        | -.148* | .334*             | .043                 | -.029                 |
| Disciplina verbal<br>positiva |                           |                                | .146   | -.081             | .249**               | .174**                |
| Monitorização                 |                           |                                |        | -.176*            | -.037                | -.031                 |
| Punição Física                |                           |                                |        |                   | .160*                | .230**                |
| Elogios e Incentivos          |                           |                                |        |                   |                      | .182*                 |

\*\*p<0,01; \*p<0,05

### 3.2.3. Caraterização da adaptação das crianças em idade pré-escolar

A partir da análise de estatística descritiva realizada ao questionário CBCL e apresentada na tabela 13, verifica-se que a amostra apresenta resultados de adaptação normativos ( $T < 65$ ), não existindo nenhuma escala com um valor especialmente elevado.

*Tabela 13. Medidas de tendência central e dispersão do CBCL*

|                             | N   | Mínim<br>o | Máxim<br>o | Média | T   | Desvio<br>padrão |
|-----------------------------|-----|------------|------------|-------|-----|------------------|
| Reatividade emocional       | 179 | .00        | 12.00      | 2.80  | ≈52 | 2.31             |
| Ansiedade/Depressão         | 179 | .00        | 10.00      | 3,14  | ≈53 | 2.45             |
| Queixas somáticas           | 179 | .00        | 10.00      | 2.19  | ≈54 | 1.98             |
| Isolamento                  | 179 | .00        | 9.00       | 1.76  | ≈51 | 1.72             |
| Problemas de Sono           | 179 | .00        | 13.00      | 2.98  | ≈53 | 2.51             |
| Problemas de Atenção        | 179 | .00        | 8.00       | 2.58  | ≈53 | 1.65             |
| Comportamento Agressivo     | 179 | .00        | 29.00      | 9.55  | ≈52 | 6.08             |
| Problemas de Externalização | 179 | 1.00       | 36.00      | 12.13 | ≈50 | 7.16             |
| Problemas de Internalização | 179 | .00        | 31.00      | 9.88  | ≈55 | 6.49             |
| Problemática Total          | 179 | 4.99       | 108.00     | 33.78 | ≈51 | 18.81            |

Na tabela 14 podemos encontrar as correlações intra-escala do CBCL, onde se observa a existência de várias correlações significativas positivas, moderadas e fortes, entre as subescalas deste questionário.

*Tabela 14. Correlação intra-escala CBCL*

|                         | Ansied.<br>Depres. | Q.<br>Somat. | Isolam. | P.<br>de Sono | P. de<br>Atenção | Comp.<br>Agress. | P.<br>Extern. | P.<br>Intern. | P.<br>Total |
|-------------------------|--------------------|--------------|---------|---------------|------------------|------------------|---------------|---------------|-------------|
| Reatividade Emocional   | .589**             | .418**       | .481**  | .462**        | .410**           | .601**           | .608**        | .800**        | .748**      |
| Ansiedade/<br>Depressão |                    | .396**       | .517**  | .425**        | .389**           | .554**           | .563**        | .850**        | .757**      |
| Queixas<br>Somáticas    |                    |              | .319**  | .326**        | .173*            | .333**           | .324**        | .664**        | .527**      |
| Isolamento              |                    |              |         | .361**        | .443**           | .561**           | .580**        | .719**        | .687**      |
| Problemas<br>de Sono    |                    |              |         |               | .460**           | .529**           | .552**        | .510**        | .667**      |
| Problemas<br>de Atenção |                    |              |         |               |                  | .569**           | .716**        | .463**        | .656**      |

|                     |        |        |        |
|---------------------|--------|--------|--------|
| Comp..<br>Agressivo | .979** | .666** | .876** |
| P.<br>Extern.       |        | .675** | .896** |
| P.<br>Intern.       |        |        | .891** |

---

\*\*p<0,01; \*p<0,05

### 3.3. Estudo de associações

Tendo em conta os objetivos específicos do presente estudo foram estudadas diferentes associações entre as dimensões estudadas.

#### 3.3.1. Correlações entre o temperamento e a adaptação da criança

As correlações obtidas entre estas duas dimensões são, no geral, significativas (tabela 15). Considerando as escalas principais do CBCL, verificam-se correlações significativas entre as três subescalas do temperamento e a adaptação da criança. É de destacar a relação significativa e moderada entre a dimensão emocionalidade negativa e os problemas de externalização, internalização e problemática total. Salienta-se também as relações negativas e significativas, embora fracas ou moderadas entre a dimensão controlo com esforço e os problemas de externalização.

*Tabela 15. Correlações entre os componentes das escalas CBQ e CBCL*

|                            | Adaptação da<br>criança | Reat.<br>Emoc. | Ansied.<br>Depres. | Q.<br>Somat. | Isolam. | P. de<br>Sono | P. de<br>Atenção | Comp.<br>Agress. | P. de<br>Extern. | P. de<br>Intern. | P.<br>Total    |
|----------------------------|-------------------------|----------------|--------------------|--------------|---------|---------------|------------------|------------------|------------------|------------------|----------------|
| <b>Temperamento</b>        |                         |                |                    |              |         |               |                  |                  |                  |                  |                |
| Emocionalidade<br>Negativa |                         | .363**         | .429**             | .340**       | .276**  | .373**        | .241**           | .408**           | <b>.403**</b>    | <b>.462**</b>    | <b>.485**</b>  |
| Extroversão                |                         | -.062          | -.213**            | -.099        | -.167*  | .102          | .197**           | .153*            | <b>.179*</b>     | <b>-.175*</b>    | <b>.011</b>    |
| Controlo com<br>esforço    |                         | -.191**        | -.126              | -.053        | -.336** | -.150*        | -.373**          | -.456**          | <b>-.475**</b>   | <b>-.208**</b>   | <b>-.355**</b> |

**\*\*p<0,01; \*p<0,05**

### 3.3.2. Correlações entre as práticas parentais e a adaptação da criança

As correlações obtidas entre as duas escalas e os domínios pertencentes a cada uma delas são, no geral, fracas a moderadas e significativas (tabela 16). Fazendo referência às escalas principais, verificam-se associações significativas entre os problemas de internalização, problemas de externalização e problemática total e as práticas parentais, à exceção das escalas disciplina apropriada, elogios e incentivos e expetativas claras. É de destacar a relação significativa e moderada entre a disciplina inconsistente e os problemas de externalização e a problemática total.

*Tabela 16. Correlações entre os componentes das escalas PPI e CBCL*

|                               | Adaptação da<br>criança | Reat.<br>Emoc. | Ansied.<br>Depres. | Q.<br>Somát. | Isolam. | P. de<br>Sono | P. de<br>Atenção | Comp.<br>Agress. | P. de<br>Extern. | P. de<br>Intern. | P.<br>Total    |
|-------------------------------|-------------------------|----------------|--------------------|--------------|---------|---------------|------------------|------------------|------------------|------------------|----------------|
| <b>Práticas parentais</b>     |                         |                |                    |              |         |               |                  |                  |                  |                  |                |
| Disciplina<br>apropriada      |                         | .044           | .011               | .030         | .019    | -.028         | .029             | .113             | <b>.096</b>      | <b>.028</b>      | <b>.072</b>    |
| Disciplina<br>inconsistente   |                         | .259**         | .171*              | .162*        | .211**  | .248**        | .208**           | .357**           | <b>.343**</b>    | <b>.255**</b>    | <b>.330**</b>  |
| Disciplina verbal<br>positiva |                         | -.156*         | -.257**            | -.128        | -.257** | -.104         | -.149*           | -.242**          | <b>-.242**</b>   | <b>-.258**</b>   | <b>-.249**</b> |
| Monitorização                 |                         | -.179*         | -.092              | -.196**      | -.176** | -.294**       | -.159*           | -.147*           | <b>-.155*</b>    | <b>-.213**</b>   | <b>-.224**</b> |
| Punição Física                |                         | .249**         | .113               | .160*        | .134    | .063          | .123             | .262**           | <b>.241**</b>    | <b>.226**</b>    | <b>.241**</b>  |
| Elogios e Incentivos          |                         | .114           | -.074              | .023         | -.033   | -.011         | -.007            | .048             | <b>.031</b>      | <b>.017</b>      | <b>.023</b>    |
| Expetativas Claras            |                         | .062           | -.043              | .019         | .007    | -.061         | -.105            | -.061            | <b>-.088</b>     | <b>.008</b>      | <b>-.035</b>   |

**\*\*p<0,01; \*p<0,05**



### 3.3.3. Correlações entre o temperamento e as práticas parentais

No geral as associações significativas entre o temperamento e as práticas parentais são em menor número. No entanto, salienta-se a correlação significativa fraca e negativa entre a dimensão emocionalidade negativa e a prática parental monitorização, bem como a correlação positiva, significativa e moderada entre a dimensão controlo com esforço e a disciplina verbal positiva.

*Tabela 17. Correlações entre os componentes das escalas CBQ e PPI*

| Práticas Parentais      | Discip. Aprop. | Discip. Inc. | Discip. Verbal Positiva | Monit.  | Punição Física | Elogios e Incent. | Expet. Claras |
|-------------------------|----------------|--------------|-------------------------|---------|----------------|-------------------|---------------|
| <b>Temperamento</b>     |                |              |                         |         |                |                   |               |
| Emocionalidade negativa | .140           | .164*        | -.060                   | -.201** | .195*          | .147              | .132          |
| Extroversão             | .139           | .066         | .142                    | .012    | .087           | .177*             | -.014         |
| Controlo com esforço    | .057           | -.106        | .377**                  | .028    | .154*          | .035              | .165*         |

\*\*p<0,01; \*p<0,05

### 3.4. Estudo preditivo

De forma a responder ao quinto objetivo deste estudo – avaliar o papel do temperamento da criança e das práticas parentais como preditores da adaptação da criança, e o papel do temperamento como eventual moderador da relação entre as estratégias maternas e adaptação da criança - procedeu-se à realização de um estudo de regressão.

#### 3.4.1. Análise de Regressão Linear Múltipla

Como se pretende verificar o efeito do temperamento como moderador da relação entre as práticas parentais e a adaptação da criança foi realizada uma análise de

regressão múltipla hierárquica. Num primeiro momento foram inseridas as três dimensões do temperamento, e posteriormente inseridas as práticas parentais que anteriormente se verificou estarem relacionadas com a adaptação da criança, i.e., a disciplina inconsistente, a disciplina verbal positiva, a monitorização e a punição física. Todas as variáveis foram forçadas a entrar no modelo. Foram realizados dois modelos, tendo o primeiro como variável dependente os problemas de externalização e o segundo os problemas de internalização. O resumo do primeiro modelo e os seus parâmetros estatísticos são apresentados na tabela 18.

*Tabela 18. Análise de regressão linear múltipla, tendo por variável dependente os problemas de externalização*

|                               | $R^2$ | Alteração $R^2$ | $p$  | B     | $T$   | $P$  |
|-------------------------------|-------|-----------------|------|-------|-------|------|
| <b>Preditores</b>             |       |                 |      |       |       |      |
| <b>1º Passo</b>               |       |                 |      |       |       |      |
|                               | .338  | .338            | .000 |       |       |      |
| Emocionalidade<br>Negativa    |       |                 |      | .325  | 5.03  | .000 |
| Extroversão                   |       |                 |      | .185  | 2.82  | .005 |
| Controlo com<br>esforço       |       |                 |      | -.352 | -5.84 | .000 |
| <b>2º Passo</b>               | .426  | .088            | .000 |       |       |      |
| Emocionalidade<br>Negativa    |       |                 |      | .271  | 4.34  | .000 |
| Extroversão                   |       |                 |      | .169  | 2.65  | .009 |
| Controlo com<br>esforço       |       |                 |      | -.352 | -5.18 | .000 |
| Disciplina<br>Inconsistente   |       |                 |      | .270  | 4.20  | .000 |
| Disciplina Verbal<br>Positiva |       |                 |      | -.055 | -.792 | .429 |
| Monitorização                 |       |                 |      | -.059 | -.940 | .348 |

|                |      |      |      |
|----------------|------|------|------|
| Punição Física | .015 | .235 | .815 |
|----------------|------|------|------|

Através deste modelo verifica-se que o temperamento é preditor da adaptação da criança, e explica 33,8% da variância dos problemas de externalização. Quando se acrescentam as práticas parentais, verifica-se que a variância explicada aumenta para 42,6%, tendo ocorrido um aumento de 8,8% de variância explicada. Verifica-se que o temperamento é o maior preditor para os problemas de externalização.

Foram também estudadas as interações entre a disciplina inconsistente e as três dimensões do temperamento de forma a avaliar o efeito moderador. Após a análise dos resultados, não foram encontrados efeitos moderadores entre a disciplina inconsistente e a emocionalidade negativa ( $\beta = -.601, p > .05$ ), a disciplina inconsistente e a extroversão ( $\beta = .306, p > .05$ ) e a disciplina inconsistente e o controlo com esforço ( $\beta = .150, p > .05$ ).

*Tabela 19. Análise de regressão linear múltipla, tendo por variável dependente os problemas de internalização*

|                            | $R^2$ | Alteração $R^2$ | $p$  | B     | T     | $p$  |
|----------------------------|-------|-----------------|------|-------|-------|------|
| <b>Preditores</b>          |       |                 |      |       |       |      |
| <b>1º Passo</b>            |       |                 |      |       |       |      |
|                            | .224  | .224            | .000 |       |       |      |
| Emocionalidade<br>Negativa |       |                 |      | .387  | 5.52  | .000 |
| Extroversão                |       |                 |      | -.149 | -2.10 | .037 |
| Controlo com<br>esforço    |       |                 |      | -.166 | -2.34 | .020 |
| <b>2º Passo</b>            | .286  | .062            | .008 |       |       |      |
| Emocionalidade<br>Negativa |       |                 |      | .342  | 4.91  | .000 |
| Extroversão                |       |                 |      | -.154 | -2.16 | .032 |
| Controlo com<br>esforço    |       |                 |      | -.122 | -1.61 | .109 |

|                   |       |       |      |
|-------------------|-------|-------|------|
| Disciplina        |       |       |      |
| Inconsistente     | .157  | 2.18  | .031 |
| Disciplina Verbal |       |       |      |
| Positiva          | -.102 | -1.33 | .184 |
| Monitorização     | -.106 | -1.51 | .133 |
| Punição Física    | .037  | .509  | .612 |

Analisando agora o efeito quando a variável dependente são os problemas de internalização (tabela 19), verifica-se que o temperamento é preditor da adaptação da criança, e explica 22,4% da variância dos problemas de internalização. Quando se acrescentam as práticas parentais a variância explicada aumenta para 28,6%, tendo acrescentado 6,2% da variância explicada. Novamente se verifica que o temperamento é o maior preditor para a adaptação, no entanto no caso dos problemas de internalização a variabilidade explicada é menor que nos problemas de externalização.

Foram também estudadas as interações entre a disciplina inconsistente e as dimensões do temperamento emocionalidade negativa e extroversão, de forma a avaliar o efeito moderador. Neste caso não se utilizou o controlo com esforço, porque quando se adiciona as práticas parentais esta dimensão deixa de ser significativa. Após a análise dos resultados, não foram encontrados efeitos moderadores entre a disciplina inconsistente e a emocionalidade negativa ( $\beta = -.389, p > .05$ ), a disciplina inconsistente e a extroversão ( $\beta = -.567, p > .05$ ).

## 4. Discussão

Este capítulo tem como objetivo uma síntese e discussão dos resultados acima apresentados, com base na revisão de literatura realizada. A discussão dos resultados é organizada mantendo a estrutura apresentada ao longo deste trabalho, sendo apresentada de acordo com a sequência dos objetivos de investigação formulados.

### 4.1. Caracterização de uma amostra de mães e crianças portuguesas de idade pré-escolar em relação ao temperamento, adaptação da criança e práticas maternas

Num primeiro momento deste estudo, a amostra foi caracterizada em relação às três dimensões deste estudo: adaptação da criança, temperamento e práticas parentais.

Como seria de esperar numa amostra comunitária, não se observaram valores especialmente elevados na dimensão adaptação da criança. Estes resultados indicam-nos níveis de adaptação normativa, tanto para a problemática total, como para os problemas de externalização e internalização. Verificou-se um valor mais elevado nos problemas de internalização mas dentro dos valores indicativos de adaptação normativa.

Relativamente ao temperamento, verificou-se que a dimensão reportada pelas mães como a mais presente nas crianças foi o controlo com esforço, no entanto esta diferença não é muito elevada relativamente às outras dimensões de temperamento. Estes resultados levam-nos a pensar na adaptação e desenvolvimento das crianças. Tanto a extroversão como a emocionalidade negativa são fatores que estão presentes no início do desenvolvimento da criança, ao invés do controlo com esforço que, associado à autorregulação começa a manifestar-se no final do primeiro ano de vida, tornando-se mais consolidado na idade pré-escolar (Hill-Soderlund & Braungart-Rieker, 2008), sendo já identificada pelas mães como uma característica dos seus filhos.

Por fim, relativamente às práticas parentais verificou-se que as práticas que as mães reportam como as que mais utilizam são a monitorização e a disciplina verbal positiva (práticas indutivas), sendo a punição física (prática coerciva) a prática menos utilizada. Destaca-se que as mães referem utilizar mais práticas conotadas positivamente, como a disciplina apropriada, disciplina verbal positiva, monitorização, elogios e incentivos e expectativas claras, do que práticas conotadas negativamente, como é o caso da disciplina inconsistente e a punição física. No entanto, não podemos

descartar totalmente a hipótese destas respostas serem influenciadas pela desejabilidade social.

Estudos anteriores defendem que diferentes práticas parentais serão mais adequadas em função da idade da criança. Por exemplo, Macarini, Martins, Minetto e Vieira (2010) relatam que a partir da fase pré-escolar são mais utilizadas práticas indutivas e coercivas, enquanto práticas que envolvam cuidado e estimulação são preferencialmente utilizadas no desenvolvimento precoce da criança.

#### 4.2. Relação entre o temperamento e a adaptação das crianças

Os resultados deste estudo confirmam que níveis mais altos de extroversão e emocionalidade negativa e níveis mais baixos de controlo com esforço estão associados a mais problemas de externalização, bem como que níveis mais baixos de extroversão e níveis mais altos de emocionalidade negativa estão associados à problemática de internalização. É de salientar que as dimensões emocionalidade negativa e controlo com esforço são as que mais se relacionam (negativa e positivamente) com a adaptação, nomeadamente com as três variáveis de interesse para o estudo: problemas de externalização, problemas de internalização e problemática total.

Nos resultados deste estudo, verificou-se que crianças com níveis de emocionalidade negativa mais elevada apresentam maiores problemas de adaptação, tanto ao nível da externalização como da internalização e, consequentemente da problemática total. Autores como Rothbarth (2011), Rothbarth e Bates (2006) e Chess, Thomas e Birch (1968), em investigações anteriores fazem também referência à relação existente entre a emocionalidade negativa e a adaptação da criança, nomeadamente nos problemas de internalização e externalização.

Relativamente à extroversão, observou-se uma correlação positiva e significativa, embora fraca, entre esta dimensão e os problemas de externalização e negativa e fraca com os problemas de internalização. Estas associações, embora de baixa magnitude, são consistentes com literatura anterior que indica que elevados níveis de extroversão estão relacionados com problemas de externalização (Rothbart & Bates, 2006), enquanto baixos níveis de extroversão estão associados a problemas de internalização, nomeadamente de natureza depressiva (Fowles, 1994).

Os resultados do presente estudo reforçam a associação existente entre o controlo com esforço e os problemas de adaptação, tendo-se observado uma correlação significativa e negativa entre esta dimensão e a adaptação da criança, embora com uma magnitude menor nos problemas de internalização. Estudos anteriores destacam que o controlo com esforço desempenha um papel de moderador tanto dos problemas de internalização como nos problemas de externalização, com uma influência mais forte nos problemas de externalização (Gartstein et al., 2012). Por exemplo, foi encontrado que crianças com elevado controlo com esforço, apresentam uma boa capacidade de regulação fisiológica e comportamental, inibindo e controlando o comportamento indesejado e obtendo resultados de desenvolvimento positivos (Watamura, Donzella, Kertes & Gunnar, 2004). Por outro lado, também é encontrado que resultados deficitários no controlo com esforço predizem um aumento de problemas de internalização posteriormente, entre os 6 e os 10 anos (Eisenberg et al., 2009).

Neste estudo verificámos que o temperamento se correlaciona significativamente com a adaptação das crianças, ou seja, crianças que apresentam características consideradas como mais fáceis (i.e., menor emocionalidade negativa e mais controlo com esforço) apresentam uma melhor adaptação, do que crianças consideradas com temperamento mais difícil, como anteriormente já fora verificado noutras investigações (Bates et al., 1994; Earls, 1982; Eisenberg et al., 1996; Graham et al., 1973; Lawson & Ruff, 2004; McInerney & Chamberlin, 1975; Prior et al., 1987; Rothbart et al., 1994).

#### 4.3. Relação entre as práticas parentais maternas e a adaptação das crianças

Os resultados deste estudo confirmam que práticas maternas positivas, como a disciplina verbal positiva e a monitorização, estão relacionadas com uma melhor adaptação e com a presença de menos problemas de externalização e internalização. Por outro lado, a utilização de estratégias maternas consideradas negativas, como a punição física e a disciplina inconsistente, estão associadas a um maior número de problemas de externalização e internalização. Salienta-se ainda que as escalas disciplina apropriada, elogios e incentivos e expectativas claras não apresentaram relação com a adaptação das crianças.

Estudos anteriores indicam que as competências dos pais para interagirem e educarem os seus filhos parecem ser cruciais para a promoção de competências sociais,

e a falta ou utilização inadequada dessa competência poderá contribuir para problemas de comportamento (Bolsoni-Silva & Marturano, 2008).

Os resultados deste estudo indicaram uma correlação direta e moderada entre a disciplina inconsistente os problemas de externalização e a problemática total, e uma correlação direta e fraca com a internalização. Também estudos anteriores, realizados por Brioso e Sarriá (1995), Conte (1997), Del Prette e Del Prette (1999), Kaiser e Hester (1997), Kaplan, Sadock e Grebb (1977), Patterson, DeBaryshe e Ramsey (1989) e Webster-Stratton (1997) identificaram que práticas parentais não contingentes, tanto no uso de reforço positivo como na punição de comportamentos desviantes, estavam associadas ao aumento da probabilidade de surgimento ou manutenção de problemas de comportamento

Neste estudo, também se verificou uma correlação significativa direta e fraca entre a punição e a problemática total e os problemas de internalização e externalização, confirmando estudos anteriores (Fox et al., 1995).

Estes resultados devem ser interpretados à luz do conceito de bidireccionalidade apresentada por Patterson (1995) no modelo da coerção. Por exemplo, Alvarenga e Piccinini (2001) verificaram que mães de crianças pré-escolares com problemas de comportamento utilizavam mais práticas coercivas do que mães de crianças sem queixas clínicas. Desta forma, a relação direta existente entre a disciplina inconsistente e punição física com a problemática total, pode ser indicativa de que tanto a utilização das práticas parentais está associada a um número maior de problemas de adaptação, como a manifestação de problemas de adaptação, mais precisamente da externalização, está associada à utilização por parte das mães de práticas coercivas e/ou inconsistentes, punição física e disciplina inconsistente.

Neste estudo também se verificou que a disciplina verbal positiva apresenta relações significativas inversas e fracas com a problemática total, os problemas de internalização e externalização. No mesmo sentido, foi encontrada uma relação significativa inversa e fraca entre a monitorização e a problemática total, problemas de internalização e externalização. Porém, a ênfase verifica-se nos problemas de internalização, o que significa que a utilização da prática monitorização está relacionada com a manifestação de menores problemas de internalização. Estes resultados são consistentes com estudos anteriores que nos indicam que atitudes parentais positivas estão relacionadas com ausência de problemas de comportamento (Chen et al., 2003; MacDonald, 1992 & Skinner, Johnson, & Snyder, 2005).



#### 4.4. Relação entre o temperamento da criança e as práticas parentais

No geral, a relação entre o temperamento e as práticas parentais é mais fraca e de menor magnitude.

Primeiramente neste estudo destaca-se a emocionalidade negativa que se correlaciona significativa e positivamente, embora com fraca intensidade, com a disciplina inconsistente e com a punição física, o que nos leva a remeter para uma associação em que crianças com características de temperamento mais marcadas pela raiva/frustração, medo, desconforto, estão mais sujeitas a práticas parentais mais negativas, como a disciplina inconsistente e a punição física. Por outro lado, mães com crianças com menos características de emocionalidade negativa tendem a utilizar estratégias positivas, como a monitorização.

Embora o nosso estudo não tipifique as crianças em função do temperamento, a literatura deste domínio indica que, crianças com temperamento difícil quando sujeitas a práticas parentais adequadas apresentam menos problemas de comportamento, tanto de externalização como de internalização (Stifter, Putnam & Jahromi, 2008). Também Van Zeijl et al. (2007) e Kim & Kochanska (2012) encontraram evidência de que crianças com temperamentos difíceis, quando comparadas com crianças de temperamentos fáceis, apresentaram-se mais suscetíveis a práticas maternas negativas, apresentando mais problemas de externalização do que crianças com temperamento fácil. Quando sujeitas a práticas maternas positivas, mostram também menos problemas de externalização e agressão física, que crianças com temperamento fácil.

A dimensão extroversão apenas se mostrou relacionada, fraca e positivamente com os elogios e incentivos, indicando que pais com filhos com extroversão elevada tendem a utilizar elogios e incentivos. Isto pode ser explicado pelo facto de crianças alegres e agradáveis, eliciarem mais facilmente respostas de elogios e incentivos.

Por fim, destaca-se as relações significativas, positivas e moderadas, entre o controlo com esforço e a disciplina verbal positiva e o controlo com esforço com as expetativas claras, embora esta última com menor magnitude. Um pouco surpreendentemente verificou-se também, uma relação significativa positiva e fraca entre o controlo com esforço e a punição física. Este último resultado é difícil de interpretar, sendo necessário mais estudos para a sua confirmação.

4.5. O papel do temperamento da criança e das práticas como preditores da adaptação e o papel do temperamento como eventual moderador da relação entre as práticas maternas e a adaptação da criança.

Como se verificou nos resultados acima apresentados, o temperamento apresentou relações significativas com a adaptação da criança. Deste modo, através da análise de regressão, avaliou-se o papel do temperamento e das práticas maternas como preditoras da adaptação, mas também o papel do temperamento como moderador da relação entre as práticas maternas e a adaptação da criança.

No modelo de predição estudado, verificámos que as três dimensões do temperamento explicam uma maior percentagem da variância dos problemas de externalização e de internalização, não acrescentando uma percentagem muito elevada de variância explicada quando se adicionam as práticas parentais. Este resultado poderá indicar-nos que o temperamento é um forte preditor de adaptação na idade pré-escolar. No entanto, convém realçar que as fortes correlações encontradas entre o temperamento e o CBCL sugerem que estas duas medidas não são completamente independentes, sendo que alguns autores consideram mesmo as medidas de temperamento como uma medida de adaptação (Van Zeijl et al., 2007).

Destacou-se também que, nos problemas de externalização, quando controlados os efeitos das outras variáveis do estudo, as dimensões do temperamento contribuem individualmente para a adaptação da criança. Quando adicionadas as práticas, o poder individual das dimensões do temperamento diminui, embora a diferença não seja muito elevada. Nos problemas de internalização quando adicionadas as práticas o controlo com esforço deixa de contribuir para a adaptação. Relativamente às práticas parentais, apenas a disciplina inconsistente contribui individualmente como preditor da adaptação, tanto nos problemas de externalização como internalização.

Relativamente à avaliação do temperamento como moderador da relação entre as práticas parentais e a adaptação da criança, não foram encontrados resultados que permitam comprovar esta relação. Todas as interações entre o temperamento e as práticas parentais não se mostraram significativas. Este resultado pode estar associado ao facto de efeitos de moderação serem mais difíceis de detetar em amostras bastante homogéneas, como é o caso desta.

Apesar de este estudo não ter encontrado relações significativas que possam explicar um efeito de moderação do temperamento na relação entre as práticas parentais e a adaptação da criança, estudos anteriores verificaram que a interação entre o temperamento difícil e as estratégias positivas e negativas são preditores significativos dos problemas de externalização. O estudo mostra que as práticas educativas maternas estão relacionadas com os problemas de externalização na infância, mas também que os efeitos destas estão dependentes do temperamento da criança (Van Zeijl et al., 2007).

## **5. Conclusão e Considerações Finais**

Considerando os objetivos principais, os resultados deste estudo permitiram alcançar os objetivos, tendo-se verificado estarmos presente uma amostra bastante adaptada, com valores de temperamento equilibrados nas três dimensões. Salientam-se as associações encontradas entre o temperamento e a adaptação da criança, as práticas parentais e a adaptação da criança, e as práticas parentais e o temperamento, embora esta última com valores mais moderados. Verificou-se também que o temperamento explica parcialmente alguma variância na adaptação, que aumenta ligeiramente com a introdução das práticas parentais. Não foi possível demonstrar o papel do temperamento como moderador da relação entre as práticas parentais e a adaptação da criança.

Os resultados deste estudo sugerem que a avaliação do temperamento das crianças, nomeadamente a despistagem de crianças com indicadores de temperamento considerado “difícil”, pode servir como um instrumento de triagem, de forma a identificar as crianças em risco de desenvolver problemas de externalização. Sabendo também que, crianças com temperamentos difíceis podem ser mais suscetíveis a práticas parentais negativas, o que por sua vez pode contribuir para agravamento dos problemas de adaptação da criança.

Apesar dos resultados encontrados, este trabalho tem limitações importantes que devem ser consideradas. Todas as medidas utilizadas são de hétero-relato, respondidas pelo mesmo informante e num único momento (estudo transversal). Por fim, as medidas de temperamento e adaptação têm alguma sobreposição, sendo também uma limitação ao nosso estudo, nomeadamente na avaliação do papel do temperamento como moderador.

Relativamente à amostragem, esta resultou de uma seleção por conveniência, pelo que a generalização dos resultados deve ser feita cautelosamente. É também uma amostra muito homogénea e bastante adaptada, sendo menos provável encontrarem-se efeitos de moderação.

Em futuras investigações seria importante incluir não só a mãe mas também outros informantes, como por exemplo o pai ou os professores. Utilizar um desenho longitudinal, que permita prever a adaptação posterior a partir do temperamento. Será importante pensar num alargamento da variabilidade da amostra, incluindo sujeitos de grupos clínicos, sabendo à partida que crianças com temperamentos difíceis beneficiam

mais de práticas maternas adequadas, comparados com crianças com temperamentos fáceis.

Este estudo permitiu reforçar a importância do temperamento na adaptação da criança pré-escolar. Serão necessários estudos futuros que tentem ultrapassar algumas das limitações referidas e possam clarificar melhor o papel das práticas parentais, bem como a interação entre estas três dimensões.

## Referências bibliográficas

- Achenbach, T. M. (1991). *Manual for the Child Behavior Checklist/ 4-18 and 1991 profile*. Department of Psychiatry. University of Vermont, EUA.
- Alvarenga, P., & Piccinini, C. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 14(3), 449-460.
- Arsenio, W. F., & Overton, W. F. (2004). Trajectories of physical aggression from toddlerhood to middle childhood: Predictors, correlates, and outcomes. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 69(4).
- Azevedo, A. F. (2013). *O Programa de Intervenção Parental 'Anos Incríveis': Eficácia numa amostra de crianças portuguesas de idade pré-escolar com comportamentos de PH/DA* (Dissertação de Doutoramento, Universidade de Coimbra). Retirado de <http://hdl.handle.net/10316/24281>
- Bates, J. E. (1989). Applications of temperament concepts. In G. A. Kohnstamm, J.E. Bates & M. K. Rothbart (Ed), *Temperament in childhood* (pp. 322-355). Chichester: Wiley.
- Bates, J.E., Wachs, T.D., & Emde, R. (1994). Toward practical uses for biological concepts of temperament. In J.E. Bates & T.D. Wachs (Eds.), *Temperament: Individual differences at the interface of biology and behavior* (pp. 275–306). Washington, DC: American Psychological Association.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental psychology*, 4(1p2), 1.
- Baumrind, D. (2005). Patterns of parental authority and adolescent autonomy. *New directions for child and adolescent development*, 2005(108), 61-69.
- Beauregard, M., Levesque, J. & Paquette, V. (2004). Neural basis of conscious and voluntary self-regulation of emotion. In M. Beauregard (Ed.), *Consciousness, emotional self-regulation, and the brain* (pp. 163-194). Philadelphia: Benjamins.

Bell, R. Q. (1977). Socialization findings re-examined. In R. Q. Bell & R. V. Harper (Eds.), *Child effects on adults*. Hillsdale, N.J: L. Erlbaum Associates; NY: Halsted Press.

Bell, R. Q., & Harper, L. V. (1977). *Child effects on adults*. Hillsdale, N.J: L. Erlbaum Associates; NY: Halsted Press.

Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child development*, 83-96.

Belsky, J., & Pluess, M. (2009). Beyond diathesis stress: differential susceptibility to environmental influences. *Psychological bulletin*, 135(6), 885.

Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2008). Habilidades sociais educativas parentais e problemas de comportamento: comparando pais e mães de pré-escolares. *Aletheia*, (27), 126-138.

Bradley, R. H., & Corwyn, R. F. (2008). Infant temperament, parenting, and externalizing behavior in first grade: A test of the differential susceptibility hypothesis. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49(2), 124-131.

Bridgett, D. J., Gartstein, M. A., Putnam, S. P., McKay, T., Iddins, E., Robertson, C., ... Rittmueller, A. (2009). Maternal and contextual influences and the effect of temperament development during infancy on parenting in toddlerhood. *Infant Behavior and Development*, 32(1), 103-116. [http://dx.doi.org/ 10.1016/j.infbeh.2008.10.007](http://dx.doi.org/10.1016/j.infbeh.2008.10.007)

Brioso, A., Sarrià, E., Coll, C., Palacios, J., & Marchesi, A. (1995). Distúrbios de comportamento. *Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar*, 3, 157-168.

Chen, X., Rubin, K. H., Liu, M., Chen, H., Wang, L., Li, D., et al. (2003). Compliance in Chinese and Canadian toddlers: A cross-cultural study. *International Journal of Behavioral Development*, 27, 428-436.

Chess, S., Thomas, A., & Birch, H. G. (1968). *Temperament and behavior disorders in children*. NYU Pr, New York.

Chess, S., & Thomas, A. (1984). *Origins and evolution of behavior disorders: From infancy to early adult life*. Harvard University Press.

Conger, R. D., & Simons, R. L. (1997). Life-course contingencies in the development of adolescent antisocial behavior: A matching law approach. *Advances in criminological theory*, 7, 55-99.

Conte, F. C. (1997). Promovendo a relação entre pais e filhos. In: M. Delitti (Org.), *Sobre comportamento e cognição* (pp. 165-173). Santo André: Arbytes.

Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological bulletin*, 113(3), 487.

Davies, D. (2010). *Child development: A practitioner's guide*. Guilford Press.

Del Prette, Z. A. P.; & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das Habilidades Sociais: Terapia e educação*. Petrópolis: Vozes.

Denham, S. A., Bassett, H. H., & Wyatt, T. (2007). The socialization of emotional competence. *Handbook of socialization: Theory and research*, 614-637.

Earls, R. (1981). Temperament characteristics and behavior problems in 3 year old children. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 169, 367-373.

Eisenberg, N., Fabes, R. A., Guthrie, I. K., et al. (1996). The relations of regulation and emotionality to problema behavior in elementary school children. *Development and Psychopathology*, 8, 141-162.

Eisenberg, N., Valiente, C., Spinrad, T. L., Cumberland, A., Liew, J., Reiser, M., ... & Losoya, S. H. (2009). Longitudinal relations of children's effortful control, impulsivity, and negative emotionality to their externalizing, internalizing, and co-occurring behavior problems. *Developmental psychology*, 45(4), 988.

Ellis, B. J., Boyce, W. T., Belsky, J., Bakermans-Kranenburg, M. J., & Van IJzendoorn, M. H. (2011). Differential susceptibility to the environment: An evolutionary-neurodevelopmental theory. *Development and psychopathology*, 23(01), 7-28.



Evans, D. E., & Rothbart, M. K. (2007). Developing a model for adult temperament. *Journal of Research in Personality*, 41(4), 868-888.

Egger, H., & Angold, A. (2006). Common emotional and behavioral disorders in preschool children: presentation, nosology, and epidemiology. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 47(3-4), 313-337. doi:10.1111/j.1469-7610.2006.01618.x

Fowles, D.C. (1994). A motivational theory of psychopathology. In W.D. Spaulding (Ed.), *Integrative views of motivation, cognition, and emotion* (pp. 181-238), Nebraska Symposium on Motivation (Vol. 41). Lincoln: University of Nebraska Press.

Fox, R. A., Platz, D. L. & Bentley, K. S. (1995). Maternal factors related to parenting practices, developmental expectations, and perceptions of child behavior problems. *The Journal of Genetic Psychology*, 156, 431-441.

Gartstein, M. A., & Rothbart, M. K. (2003). Studying infant temperament via the revised infant behavior questionnaire. *Infant Behavior and Development*, 26(1), 64-86.

Gartstein, M. A., Putnam, S. P., & Rothbart, M. K. (2012). Etiology of preschool behavior problems: Contributions of temperament attributes in early childhood. *Infant Mental Health Journal*, 33(2), 197-211.

Gershoff, E. T. (2002). Corporal punishment by parents and associated child behaviors and experiences: a meta-analytic and theoretical review. *Psychological bulletin*, 128(4), 539.

Goes, A. R. (2013). " De pequenino...": uma abordagem ao desenvolvimento e comportamento da criança pequena. (Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa). Retirado de <http://hdl.handle.net/10451/9803>

Graham, P., Rutter, M., & George, S. (1973). Temperamental characteristics as predictors of behavior disorders in children. *American Journal of Orthopsychiatry*, 43, 328-339.

Havighurst, R.J. (1972). *Developmental Tasks and Education*. (3th Ed.). New York: McGraw-Hill.

- Hill-Soderlund, A. L., & Braungart-Rieker, J. M. (2008). Early individual differences in temperamental reactivity and regulation: Implications for effortful control in early childhood. *Infant Behavior and Development*, 31(3), 386-397.
- Hoffman, M. L. (1975). Moral internalization, parental power, and the nature of parent-child interaction. *Developmental Psychology*, 11(2), 228.
- Hoffman, M. L. (1994). Discipline and internalization. *Developmental Psychology*, 30, 26-28.
- Jones, A. C., & Gosling, S. D. (2005). Temperament and personality in dogs (*Canis familiaris*): a review and evaluation of past research. *Applied Animal Behaviour Science*, 95(1), 1-53.
- Kaiser, A. P.; & Hester, P. P. (1997). Prevention of conduct disorder through early intervention: A social-communicative perspective. *Behavioral Disorders*, 22(3), 117-130.
- Kaplan, H. I., Sadock, B. J., & Grebb, J. A. (1997). *Compêndio de psiquiatria: Ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. (7th Ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kim, S., & Kochanska, G. (2012). Child temperament moderates effects of parent-child mutuality on self-regulation: A relationship-based path for emotionally negative infants. *Child development*, 83(4), 1275-1289.
- Kiss, M., Fechete, G., Pop, M., & Susa, G. (2014). Early childhood self-regulation in context: Parental and familial environmental influences. *Cognitie, Creier, Comportament*, 18(1), 55.
- Klein, V. C., & Linhares, M. B. M. (2010). Temperamento e desenvolvimento da criança: revisão sistemática da literatura. *Psicologia em Estudo*, 15(4), 821-829.
- Lawson, K.R., & Ruff, H.A. (2004). Early attention and negative emotionality predict later cognitive and behavioral function. *International Journal of Behavioral Development*, 28, 157-165.
- Lemery, K. S., Essex, M. J., & Smider, N. A. (2002). Revealing the relation between temperament and behavior problem symptoms by eliminating measurement confounding: Expert ratings and factor analyses. *Child development*, 73(3), 867-882.

Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: parentchild interaction. *Handbook of Child Psychology: Formerly Carmichael's Manual of Child Psychology*. New York: John Wiley and Sons.

MacDonald, K. (1992). Warmth as a developmental construct: An evolutionary analysis. *Child Development*, 63, 753–773.

Macarini, S. M., Martins, G. D. F., Minetto, M. D. F. J., & Vieira, M. L. (2010). Práticas parentais: uma revisão da literatura brasileira. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(1), 119-134.

McInerny, R., & Chamberlin, R.W. (1975). Is it feasible to identify infants who are at risk for later behavioral problems? *Clinical Pediatrics*, 17, 233–238.

McLoyd, V. C., & Smith, J. (2002). Physical discipline and behavior problems in african american, european, and spanic children: Emotional support as a moderator. *Journal of Marriage and Family*, 64, 40-53.

Newman, B.M. & Newman, P.R. (1991). *Development Through Life a Psychosocial Approach* (5th ed.). Pacific Grove, CA: Brooks/Cole Publishing Company.

Nigg, J. T. (2006). Temperament and developmental psychopathology. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 47(3-4), 395-422.

Patterson, G. R. (1995). Coercion as a basis for early age onset for arrest. In J.McCord (Ed.), *Coercion and punishment in long-term perspectives*. NY: Cambridge University Press.

Patterson, G. R.; DeBaryshe, B. D.; & Ramsey, E. (1989). A developmental perspective on antisocial behavior. *American Psychologist*, 44(2), 329-335

Patterson, G., Reid, J., & Dishion, T. (2002). *Antisocial boys. Comportamento anti-social*. Santo André: ESETec Editores Associados.

.Perlman, M., & Ross, H. S. (1997). Who's the boss? Parents' failed attempts to influence the outcomes of conflicts between their children. *Journal of Social and Personal Relationships*, 14, 463–480.

Pettit, G. S., Bates, J. E., & Dodge, K. A. (1997). Supportive parenting, Ecological Context, and Children's Adjustment: A seven-Year Longitudinal Study. *Child development*, 68(5), 908-923.

Pettit, G. S., & Lollis, S. (1997). Introduction to special issue: Reciprocity and bidirectionality in parent-child relationships: New approaches to the study of enduring issues. *Journal of Social and Personal Relationships*, 14, 435-440.

Piaget, J. (1962). *Play, dreams and imitation in childhood*. New York: Norton.

Posner, M. I., & Rothbart, M. K. (2007). *Educating the human brain*. American Psychological Association.

Prior, M., Sanson, A., Oberlaid, F., & Northam, E. (1987). Measurement of temperament in 1 to 3 year old children. *International Journal of Behavioral Development*, 10, 121-132.

Putnam, S. P., Ellis, L. K., & Rothbart, M. (2001). The structure of temperament from infancy to adolescence. In A. Eliasz, & A. Angleitner (Eds.), *Advances in research of temperament* (pp.165-182). Lingerich: Pabst Scientific.

Putnam, S. P., Gartstein, M. A., & Rothbart, M. K. (2006). Measurement of fine-grained aspects of toddler temperament: The Early Childhood Behavior Questionnaire. *Infant Behavior and Development*, 29(3), 386-401.

Putnam, S. P., Rothbart, M. K., & Gartstein, M. A. (2008). Homotypic and heterotypic continuity of fine-grained temperament during infancy, toddlerhood, and early childhood. *Infant and Child Development*, 17(4), 387-405.

Raver, C. C. (1996). Relations between social contingency in mother-child interaction and 2-year-olds' social competence. *Developmental Psychology*, 32(5), 850-859.

Roberts, B. W., & DelVecchio, W. F. (2000). The rank-order consistency of personality traits from childhood to old age: a quantitative review of longitudinal studies. *Psychological bulletin*, 126(1), 3.

Rothbart, M. K. (1989). Temperament in childhood: A framework. *Temperament in childhood*, 5973.

Rothbart, M. K. (2011). *Becoming who we are: Temperament and personality in development*. Guilford Press.

Rothbart, M.K. & Derryberry, D. (1981). Development of individual differences in temperamento. In M.E. Lamb & A.L. Brown (Eds.), *Advances in developmental psychology*, Vol 1 (pp. 37-86). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Rothbart, M. K., Derryberry, D., & Posner, M. I. (1994). A psychobiological approach to the development of temperament. *Temperament: Individual differences at the interface of biology and behavior*, 83-116.

Rothbart, M. K., Posner, M. I., & Hershey, K. L. (1995). Temperament, attention, and developmental psychopathology. In D. Cicchetti & D. J. Cohen (Eds.), *Developmental psychopathology, Vol. 1: Theory and methods* (pp. 315–340). Oxford, England: Wiley.

Rothbart, M. K., Ahadi, S. A., Hershey, K. L., & Fisher, P. (2001). Investigations of temperament at three to seven years: The Children's Behavior Questionnaire. *Child development*, 72(5), 1394-1408.

Rothbart, M.K., & Bates, J.E. (2006). Temperament. In W. Damon, R. Lerner, & N. Eisenberg (Eds.), *Handbook of child psychology: Vol. 3. Social, emotional, and personality development* (6th ed., pp. 99–166). New York: Wiley.

Rubin, K. H., Burgess, K. B., & Hastings, P. D. (2002). Stability and social-behavioral consequences of toddlers' inhibited temperament and parenting behaviors. *Child Development*, 73, 483–495.

Rutter, M., & Sroufe, L. A. (2000). Developmental psychopathology: concepts and challenges. *Development and Psychopathology*, 12(3), 365–396.

Sameroff, A. (1975). Transactional models in early social relations. *Human Development*, 18, 65–72.

Saudino, K. J., & Wang, M. (2012). Quantitative and molecular genetic studies of temperament. *Handbook of temperament*. New York: Guilford.

Shiner, R. L., Buss, K. A., McClowry, S. G., Putnam, S. P., Saudino, K. J., & Zentner, M. (2012). What Is Temperament Now? Assessing Progress in Temperament Research on the Twenty-Fifth Anniversary of Goldsmith et al. *Child Development Perspectives*, 6(4), 436-444.

Skinner, E., Johnson, S., & Snyder, T. (2005). Six dimensions of parenting: A motivational model. *Parenting: Science and Practice*, 5, 175–235.

Stifter, C. A., Putnam, S., & Jahromi, L. (2008). Exuberant and inhibited toddlers: Stability of temperament and risk for problem behavior. *Development and Psychopathology*, 20(02), 401-421.

Sturm, L. (2004). Temperament in early childhood. *Zero to three*, 24(4), 4-11.

Szabó, N., Deković, M., van Aken, C., Verhoeven, M., van Aken, M. A., & Junger, M. (2008). The relations among child negative interactive behavior, child temperament, and maternal behavior. *Early Childhood Research Quarterly*, 23(3), 366-377.

Van Zeijl, J., Mesman, J., Stolk, M. N., Alink, L. R., Van IJzendoorn, M. H., Bakermans-Kranenburg, M. J., ... & Koot, H. M. (2007). Differential susceptibility to discipline: The moderating effect of child temperament on the association between maternal discipline and early childhood externalizing problems. *Journal of Family Psychology*, 21(4), 626.

Verhoeven, M., Junger, M., van Aken, C., Deković, M., & van Aken, M. A. (2010). Parenting and children's externalizing behavior: Bidirectionality during toddlerhood. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 31(1), 93-105.

Volkmar, F. R., Lord, C., Bailey, A., Schultz, R. T., & Klin, A. (2004). Autism and pervasive developmental disorders. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45(1), 135–70.

Watanabe, S. E., Donzella, B., Kertes, D. A., & Gunnar, M. R. (2004). Developmental changes in baseline cortisol activity in early childhood: Relations with napping and effortful control. *Developmental Psychobiology*, 45(3), 125-133.

Webster-Stratton, C. (1997). Early intervention for families of preschool children with conduct problems. In: M. J. Guralnick (Org.), *The effectiveness of early intervention* (pp. 429-453). Baltimore: Paul H. Brookes Publishing Co.

Zentner, M., & Bates, J. E. (2008). Child temperament: An integrative review of concepts, research programs, and measures. *European Journal of Developmental Science*, 2(1-2), 7-37.

## Anexos

### (1) Autorização de Inquérito em Meio Escolar



#### Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar

[Início](#) » [Consultar inquéritos](#) » **Ficha de inquérito**

##### Identificação da Entidade / Interlocutor

Nome da entidade:

Núcleo de Psicologia da Saúde e da Doença - Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa

Nome do Interlocutor:

Ana Rita Goes

E-mail do interlocutor:

anarita.goes@psicologia.ulisboa.pt

Núcleo de Psicologia da  
Saúde e da Doença -  
Faculdade de Psicologia da  
Universidade de Lisboa

Sair

Área reservada

- Dados da entidade
- Consultar inquéritos
- Registar inquérito
- Instruções

- Início
- Pesquisar inquéritos

##### Dados do Inquérito

Número de registo:

0468900001

Designação:

Pais à Medida? Temperamento, parentalidade e adaptação em crianças em idade pré-escolar e escolar

Descrição:

Os problemas de saúde mental infantil afetam negativamente os percursos de desenvolvimento de crianças e adolescentes. Estima-se que 15 a 26% das crianças de idade pré-escolar têm problemas emocionais e de comportamento. Os estudos sobre o impacto das estratégias maternas, nomeadamente o papel das práticas positivas (envolvimento e apoio parental) ou da disciplina negativa, mostram que estas práticas estão associadas aos resultados em termos da adaptação da criança (problemas emocionais e comportamentais) e como tal devem ser o centro da intervenção para a promoção da parentalidade positiva. Por essa razão, o estudo das práticas parentais e da associação com os problemas de adaptação na infância emerge como um passo crítico para a implementação de medidas promotoras de saúde mental na infância. O modelo integrativo de Belsky propõe que a parentalidade é resultado da influência das características individuais da criança e dos pais num contexto específico de socialização. A relevância das características individuais da criança tanto para as práticas parentais, como para os problemas de adaptação da criança, também recebeu algum apoio empírico mas os estudos são muito restritos a culturas anglo-saxónicas e da Europa do Norte, onde o contexto cultural tem especificidades próprias. No que se refere às características dos pais, o papel do temperamento e da autorregulação emocional materna têm sido pouco estudados. É fundamental conhecer melhor o contributo destas dimensões para a adaptação das intervenções parentais e melhoria dos seus resultados. As intervenções para a promoção da parentalidade positiva têm demonstrado efeitos positivos consistentes no comportamento dos pais e na saúde mental das crianças. No entanto é necessário conhecer melhor as dimensões parentais e da criança que afetam o sucesso destas intervenções e estudar a especificidade de culturas latinas e do sul da Europa nestas dimensões. As competências de autorregulação parental, que são um dos alvos principais nas intervenções parentais, são influenciadas tanto por dimensões de temperamento dos pais como das próprias crianças, mas estas dimensões estão pouco estudadas. Acresce ainda a falta de instrumentos adaptados para a população portuguesa para o estudo destas dimensões.

Objectivos:

Este estudo tem como objetivos:

- (1) Contribuir para a adaptação dos questionários CBQ-SF (Rothbart, 1996) e ATQ-SF (Evans e Rothbart, 2007) para avaliação do temperamento em crianças em idade pré-escolar e adultos portugueses;
- (2) Explorar as dimensões de temperamento materno e da criança na amostra Portuguesa e comparar com resultados de estudos com os mesmos instrumentos noutras culturas, nomeadamente USA, Canadá e Brasil;
- (3) Examinar a contribuição do temperamento materno e da criança e da autorregulação materna para as estratégias educacionais e disciplinares maternas, em contexto Português;
- (4) Examinar as relações entre as estratégias maternas e os problemas emocionais e de comportamento em crianças de uma amostra comunitária de idade pré-escolar, considerando o papel do temperamento materno e da criança como moderadores nesta relação.

Periodicidade:

Pontual

Data do início do período de recolha de dados:

02-02-2015

Data do fim do período de recolha de dados:

17-06-2016

Universo:

Escolas de Ensino Básico com Educação Pré-Escolar



|  |   |
|--|---|
| Unidade de observação:                               | Crianças frequentadoras da educação pré-escolar     |
| Método de recolha de dados:                          | Questionários de auto-relato                        |
| Inquérito registado no Sistema Estatístico Nacional: | Não   |
| Inquérito aplicado pela entidade:                    | Sim   |
| Instrumento de inquirição:                           | 04689_201412231136_Documento1.pdf (PDF - 518,78 KB) |
| Nota metodológica:                                   | 04689_201412231136_Documento2.pdf (PDF - 306,13 KB) |
| Outros documentos:                                   | 04689_201412231136_Documento3.pdf (PDF - 362,09 KB) |
| Data de registo:                                     | 23-12-2014  |
| Versão:  | 1 (1)   |

|                     |   |
|---------------------|---|
| Dados adicionais    |   |
| Estado:             | Aprovado  |
| Avaliação:          | Exmo(a) Senhor(a) Dr(a) Ana Rita Goes<br>Venho por este meio informar que o pedido de realização de inquérito em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos, devendo atender-se às observações aduzidas.<br>Com os melhores cumprimentos<br>José Vitor Pedroso<br>Diretor-Geral<br>DGE  |
| Observações:        | a) A realização dos Inquéritos fica sujeita a autorização das Direções dos Agrupamentos de Escolas do ensino público a contactar para a realização do estudo. Merece especial atenção o modo, o momento e condições de aplicação dos instrumentos de recolha de dados em meio escolar, porque onerosos e que perscrutam matérias de alguma sensibilidade pessoal, devendo fazer-se em estreita articulação com a Direção do Agrupamento.<br>b) Deve considerar-se o disposto na Lei nº 67/98 em matéria de garantia de anonimato dos sujeitos, confidencialidade, proteção e segurança dos dados, sendo necessário solicitar o consentimento informado e esclarecido do titular dos dados. No caso presente de inquirição de alunos menores (menos de 18 anos) este deverá ser atestado pelos seus representantes legais. As autorizações assinadas pelos Encarregados de Educação devem ficar em poder da Escola/Agrupamento ao qual pertencem os alunos. Não deve haver cruzamento ou associação de dados entre os que são recolhidos pelos instrumentos de inquirição e os constantes das declarações de consentimento informado.<br>c) Informa-se ainda que a DGE não é competente para autorizar a realização de estudos/aplicação de inquéritos ou outros instrumentos em estabelecimentos de ensino privados e para realizar intervenções educativas/desenvolvimento de atividades/programas em meio escolar/formação de docentes, dado ser competência da Escola/Agrupamento. |
| Outras observações: | Sem observações.  |

## (2) Carta de pedido de colaboração



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



Faculdade de Psicologia  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Luísa Barros  
Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa  
Alameda da Universidade  
1649-013 Lisboa  
e-mail: lbarros@psicologia.ulisboa.pt

Exma. Sra. Diretora do  
Agrupamento de Escolas D. Afonso Henriques  
Dra. Maria Helena Soares Carreira Vieira

**Assunto:** Pedido de colaboração para uma investigação

Exma. Sra. Diretora do Agrupamento de Escolas D. Afonso Henriques  
Dra. Maria Helena Soares Carreira Vieira

Na qualidade de docente e investigadora da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, a venho por este meio solicitar a colaboração dos Jardins-de-Infância do Agrupamento de Escolas D. Afonso Henriques para a implementação do projeto *Pais à medida? Temperamento, parentalidade e adaptação em crianças em idade pré-escolar e escolar*.

O projeto *Pais à medida? Temperamento, parentalidade e adaptação em crianças em idade pré-escolar e escolar* tem como objetivo conhecer melhor a adaptação e problemas emocionais e comportamentais de crianças entre os 3 e os 5 anos, as características das mães e dos filhos e as estratégias que as mães utilizam para a educar os seus filhos. Sabemos que as crianças têm características diferentes que colocam diferentes desafios educativos, para os quais os pais vão encontrando soluções diferentes, umas mais adaptadas do que outras. É fundamental aprofundar o conhecimento sobre essas diferenças individuais e sobre as formas que os pais encontram para ir respondendo aos filhos e facilitarem o seu desenvolvimento e adaptação. Nesta fase pretendemos apenas centrar-nos no estudo das mães e dos filhos entre os 3 e os 5 anos.

A colaboração com este projecto implica o preenchimento de um conjunto de questionários pelas mães das crianças entre os 3 e os 5 anos que frequentam o jardim-de-infância, depois de obtido o respectivo consentimento informado. O apoio solicitado aos jardins-de-infância prende-se com a mediação do contacto entre a equipa de investigação e as famílias, nomeadamente para a distribuição e recolha dos materiais. No fim do projeto será devolvida informação sobre os resultados gerais e grupais (sem identificação de nenhuma situação individual) aos estabelecimentos de ensino e aos pais que manifestem esse interesse.

Ficamos à disposição para quaisquer esclarecimentos que considerem necessários e aguardamos uma resposta.

Com os melhores cumprimentos

  
Luísa Barros

Professora Catedrática da FPUL

### (3) Protocolo de Consentimento Informado



Faculdade de Psicologia  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Caras Mães,

Vimos convidá-la a participar no estudo “Pais à medida? Temperamento, parentalidade e adaptação em crianças em idade pré-escolar e escolar”, organizado pelo Núcleo de Psicologia da Saúde e da Doença da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL), coordenado pela Profª Doutora Luísa Barros e que tem como objetivo conhecer melhor o comportamento das crianças entre os 3 e os 5 anos, as características das mães e dos filhos e as estratégias que as mães utilizam para a educar os seus filhos.

Todas as famílias de crianças dos 3 aos 5 anos são convidadas a participar. Para participarem, terão de entregar o formulário de consentimento que se encontra no final da página. Antes de o preencher, por favor leiam atentamente as informações abaixo.

#### O que é este Projeto?

É um projeto de investigação que pretende estudar o comportamento das crianças entre os 3 e os 5 anos as características das mães e dos filhos e as estratégias que as mães utilizam para a educar os seus filhos.

#### Se aceitar participar, o que me é pedido?

Nesta primeira fase pedimos às mães que assinem esta autorização na folha anexa e a devolvam à educadora dos filhos. Em seguida será enviado para casa das mães que aceitaram participar no estudo, através da educadora da criança, um envelope com um conjunto de questionários relacionados com o comportamento das crianças, as características das crianças e das mães, e as estratégias que usam para educar os filhos, e um envelope para sua devolução. Após o preenchimento, os questionários deverão ser devolvidos à educadora, no envelope fechado e sem identificação. Calculamos que os questionários demorem cerca de 45 minutos a preencher.

#### Qual a vantagem de participar?

A informação recolhida nos questionários e analisada pela equipa permitirá contribuir para o avanço do conhecimento sobre as características das crianças e das mães e sobre o comportamento infantil e as estratégias educacionais maternas. Este conhecimento é fundamental para desenvolver programas de apoio aos pais com maiores dificuldades na educação dos filhos.

#### Sou obrigado a participar?

A participação é voluntária, mas é muito importante para nós termos o maior número possível de participantes. Se recusar participar neste estudo, isso não afetará a sua relação com o estabelecimento de ensino nem os cuidados prestados ao seu educando. A participação no estudo pode ser interrompida em qualquer momento.

#### Quem tem acesso aos dados?

Os dados recolhidos são totalmente confidenciais. Apenas os elementos da equipa de investigação têm acesso aos dados individuais. Cada questionário terá um código que permitirá identificar as respostas e que apenas será conhecido pelos investigadores do projeto.

Os resultados coletivos, resultantes da combinação das respostas de todos os participantes, serão tornados acessíveis aos pais que assim o pretendam no final do estudo.

#### Se precisar de mais informação, com quem deve contactar?

Por favor, contacte com a responsável, Profª Doutora Luísa Barros, através do e-mail: lbarros@psicologia.ulisboa.pt.

#### PROTOCOLO DE CONSENTIMENTO

Projeto: Pais à medida? Temperamento, parentalidade e adaptação em crianças em idade pré-escolar e escolar

Código: ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

Eu, \_\_\_\_\_, encarregado de educação de \_\_\_\_\_, li a informação fornecida e (assinalar com uma cruz a opção escolhida).

☐ Aceito participar no Projeto

☐ Não aceito participar no Projeto

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_